



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

POLIANE OLIVEIRA QUINTÃO

**SOBRE TATOS METAFÓRICOS NA OBRA DE B. F.
SKINNER**

Londrina
2014

POLIANE OLIVEIRA QUINTÃO

**SOBRE TATOS METAFÓRICOS NA OBRA DE B. F.
SKINNER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina para o cumprimento de parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Orientadora: Prof. Dra. Camila Muchon de Melo.

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Q78s Quintão, Poliane Oliveira.
Sobre tatos metafóricos na obra de B. F. Skinner / Poliane Oliveira Quintão. –
Londrina, 2014.
62 f.

Orientador: Camila Muchon de Melo.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise
do Comportamento, 2014.

Inclui bibliografia.

1. Comportamento verbal – Teses. 2. Metáfora – Teses. 3. Emoções – Teses. 4.
Linguagem científica – Teses. I. Melo, Camila Muchon de. II. Universidade
Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em
Análise do Comportamento. III. Título.

CDU 159.9.019.43

POLIANE OLIVEIRA QUINTÃO

SOBRE TATOS METAFÓRICOS NA OBRA DE B. F. SKINNER

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Análise do Comportamento da
Universidade Estadual de Londrina como pré –
requisito para obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Camila Muchon de Melo.
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Nadia Kienen
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Maura Alves Nunes Gongora
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 16 de dezembro de 2014

Eu não sou uma pessoa de sorriso fácil. Não me gabo sobre isso! Tampouco, sou alguém que está dentro da média comumente esperada para determinados tipos de comportamento. Minha preferência sempre residiu muito mais na observação do que na interação propriamente dita. Sempre observei em demasia as coisas e as pessoas, e conforme diz George Bernard Shaw “O poder da observação aguda é comumente chamado de cinismo pelas pessoas que não a possuem. Eu apreciaria mais o pensamento desse autor, se ele tivesse trocado a palavra cinismo por crítica. Não defendo o ato da crítica como algo legítimo sem que se pese a hora e o lugar. Mas é bom poder gozá-la em alguma medida.

Meus agradecimentos pela conclusão do meu mestrado, por não ter desistido ao longo do caminho quando motivos para tanto pareciam ser totalmente justificados, serão dirigidos exclusivamente a três pessoas: minha irmã, minha orientadora e a Prof. Dra. Sílvia Murari.

À minha irmã que oferece sempre as palavras precisas e auxilia com discriminações importantes para minha vida. À minha irmã que sabe as dores pelas quais já passei, e o quanto elas quase me venceram. À minha irmã que é a minha família, e assim, compomos uma família, deveras, pequena, mas somos grandes em valores. À minha irmã que é oposta a mim em gostos, atitudes e tudo o mais, mas que me compreende em diversas circunstâncias, sendo calma e paciente em diversos momentos e buscando compreender os motivos e razões de minhas ações, antes de expressar sua posição.

Bruna, obrigada pelo apoio, suporte e de certo modo, confiança. Este mestrado, certamente, não teria sido concluído se não tivesse havido entre nós conversas e mensagens em momentos tão delicados pelos quais passei.

À minha orientadora, Camila Muchon de Melo, quero agradecer pela paciência, calma, empenho, profissionalismo e, acima de tudo, modelo de ser humano. Ainda que eu tenha a convicção de que não haverá agradecimentos escritos ou falados que poderão se aproximar da

gratidão que sinto por ter podido acompanhar uma Analista do Comportamento tão ímpar quando, infelizmente, há centenas de Analistas do Comportamento perdendo a atenção sobre seus próprios comportamentos quando em interação com outros, manchando a si e à classe de um modo tão negativo por serem pessoas aversivas, punitivas. Minha orientadora, felizmente, é um exemplo de Behaviorista Radical. Altamente eficaz como orientadora, sem pedantismos acadêmicos e um ser humano solidário.

Tenho certeza que ocasionei diversos e diversos momentos de desconforto, frustração e raiva à minha orientadora. Peço o perdão mais sincero. Inúmeras coisas fugiram ao meu controle, e meu repertório comportamental deficiente não conseguia saná-las. Minha opinião sobre como fazer um mestrado era outra antes, durante, e ainda agora, continua outra. Ele deveria ter sido mais fluído, eu deveria ter estado muito mais focada e disciplinada. Mas acontecimentos de fora abalaram meus planos iniciais. Sinto muito por tudo isso! Contudo, minha orientadora esteve comigo até o final, e assim pude concluir essa etapa. Mais uma vez, Camila: Muito obrigada.

À Sílvia Murari quero expressar meu afeto, admiração e agradecimento. Você, junto com a Camila, fizeram que eu voltasse a crer que Analistas do Comportamento não precisam ser tolos aversivos para comporem essa categoria. Seu ânimo, Sílvia, bem como seu otimismo e bom humor foram muito importantes para mim durante meu período de mestrado. Foi maravilhoso ter-lhe conhecido, ter estado um pouco mais com você durante os estágios. Você ensinou-me coisas importantes e valiosas sobre a vida e a academia. Deu-me suporte quando eu passava por dificuldades e de certo modo, via em mim algo que quase nunca ninguém vê, porque geralmente ficam com a opinião aparente: você notou meu potencial. Obrigada por tudo! Lhe desejo as melhores coisas do Universo para todos os dias de sua vida.

Meus agradecimentos também se estendem a Luciana Zanella Gusmão, pela escuta e ajuda. Muitas das mudanças operadas só foram possíveis com seus apontamentos, direcionamentos e controle. Obrigada. Obrigada também a Sônia Pereira da Silva pela residência temporária e por ter estado ao meu lado em um momento tão difícil. À Launa Ananda da Silva pelas brincadeiras que ajudavam a levantar meu ânimo. A Daniele Arabori que mesmo distante (muito distante) sempre manteve contato e interesse em minha vida. Obrigada pela sua amizade e perseverança diante da mesma quando sumidas temporais ocorrem de minha parte.

Oliveira, Poliane Oliveira. **Sobre Tatos Metafóricos na Obra de B. F. Skinner**. 2014. 62f. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós Graduação em Análise do Comportamento - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

A teoria do comportamento verbal de B. F. Skinner, apresentada em 1957, no livro *Verbal Behavior*, foi a proposta desse autor para que esse tipo de comportamento passasse a ser compreendido sob um ponto de vista funcional. Ou seja, Skinner buscou dissociar o entendimento da linguagem pela via do inato/biológico ou pela aquisição das estruturas gramaticais e fonéticas, que eram as explicações predominantes para o comportamento verbal. Skinner abordou em seu livro muitos temas importantes relacionados ao comportamento verbal, como por exemplo, o papel do falante, do ouvinte, a questão crucial do significado, e ainda, falou sobre *tatos metafóricos*. O objetivo deste estudo foi apresentar a perspectiva de Skinner acerca das metáforas; e a relação das metáforas com as emoções e com a linguagem científica. Por meio de uma análise teórico-conceitual que teve como base capítulos do livro *Verbal Behavior* acrescido de outros textos de Skinner, textos esse que foram selecionados por leituras realizadas pela autora, onde os temas do presente estudo eram pertinentes para a discussão. Em um primeiro momento, realizou-se uma busca sobre como o autor conceitua tatos metafóricos e como é a explicação skinneriana acerca da metáfora sob o ponto de vista funcional. Em seguida, foram apresentados os resultados do estudo, divididos em dois tópicos: a relação metáforas e emoções, bem como, o uso de metáforas na linguagem científica. Uma seção de resultados que abordasse metáforas e emoções mostrou-se praticamente indispensável, posto que Skinner, em *Verbal Behavior*, traz a relação entre esses dois temas. Nos resultados sobre o segundo tema foi tratada a afirmação de Skinner de que metáforas não devem ser usadas na ciência, entretanto, um paradoxo se faz presente quando o próprio autor utilizou metáforas que sustentam sua teoria. Sendo, por isso, acusado do uso de metáforas em sua teoria por alguns autores, principalmente linguistas que legitimam o emprego de metáforas na ciência. O uso das metáforas para explicação de estados emocionais (em que parte desses podem ser privados) é validado pelo autor, porque essa seria uma das maneiras em que o próprio falante poderia falar sobre seus eventos privados e a comunidade verbal teria conhecimento desses eventos e poderia reforçar adequadamente o falante. Por outro lado, Skinner é contra o uso de metáforas na linguagem científica, porque ele sugere que um dos compromissos do fazer científico é a coesão e a objetividade. Sendo assim, as metáforas em Skinner se destacam em dois aspectos: o primeiro, como sendo algo necessário e útil para a narração de estados emocionais; o segundo, como uma prática depreciativa para o campo da ciência. As idéias de Skinner sobre esses aspectos alinham-se à base empírica desses fatos. Ou seja, comumente os indivíduos narram seus estados emocionais por meio de metáforas, e existe de modo geral, certo rigor no comportamento verbal científico que busca se distanciar do emprego de metáforas em suas formulações e descrições.

Palavras-Chave: Comportamento verbal. Metáforas. Emoção. Linguagem científica. Behaviorismo radical.

Oliveira, Poliane Oliveira. **About Metaphorical Tacts in the Work of B. F. Skinner.** 2014. 62p. (Master Thesis), Graduate Program in Behavior Analysis, State University of Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

B. F. Skinner's theory of the verbal behavior, presented in 1957 in his book *Verbal Behavior*, was proposed by the referred author in order to create a new understanding of such behavior from a functional point of view. In other words, Skinner meant to dissociate language understanding from innate/biological terms and from the acquisition of grammatical and phonetic structures, which were the predominant explanations for verbal behavior. Skinner addressed in his book many important issues related to verbal behavior, such as the role of the speaker, of the listener; the crucial question of meaning. Also, he also talked about metaphors, or, such as described in book: *metaphorical tacts*. The aim of this study was to present Skinner's theory on verbal metaphors, and the relation they hold with emotions and with the scientific language, since Skinner connects these two topics to the subject of metaphors in many of his writings. Through a theoretical-conceptual analysis, based on chapters of the book *Verbal Behavior* and other of Skinner's texts, the present thesis developed a research on how the author conceptualizes metaphorical feels and on finding which is his explanation of metaphors from a functional point of view. The following step involved establishing the link between metaphors and emotions, as well as the use of metaphors in scientific language. The authors of this thesis judged of the highest importance to include a section which could demonstrate the results involving the link between metaphors and emotions, since Skinner himself, in *Verbal Behavior*, brings up this connection as to the second of the themes suggested above, this thesis presented the topic brought up by Skinner's assertion that metaphors should not be used in science. However, this is controversial because the author himself used metaphors that support his theory. Hence, he was accused of having used metaphors in his theorization by other authors, mainly of the linguists area, which tend to legitimize the use of metaphors in science. The use of metaphors for explaining emotional states (some of which can be private) is valid according to Skinner because that would be one of the ways through which the speaker himself could talk about their private events. Moreover, if the verbal community were aware of these events, this could adequately reinforce the speaker. Finally, this thesis shows how Skinner's theory is not prone to the use of metaphors in scientific language, because he says one of the aims of science making is to be as cohesive and objective as possible in the postulation and transmission of its laws. That being the reason why Skinner's metaphors demonstrate two aspects: the first relates to how they are necessary and useful for the narration of emotional states, and the second, which shows the maleficent reaction it operates in science. Skinner's ideas on this aspects align with the empirical base of facts. That is to say that commonly individuals narrate their emotional states by the use of metaphors, and there is, generally, a certain rigour in scientific verbal behavior, which searches to create distance between the use of metaphors in its formulations and descriptions.

Keywords: Verbal behavior. Metaphors. Emotion. Scientific language. Radical behaviorism.

SUMÁRIO

Apresentação Geral	9
Objetivo Principal.....	17
Objetivos Específicos	17
Método	17
Introdução Geral à Teoria do Comportamento Verbal de Skinner	12
Resultados e Discussão: A Relação Entre Metáfora e Emoção	28
Sobre o Uso de Metáfora na Ciência	41
Considerações Finais	56
Referências	60

Apresentação Geral

Os estudos sobre metáforas há muito tempo despertam a atenção de pesquisadores que compreendem nelas uma apreciação digna de ressalva. Aristóteles foi o pioneiro a iniciar esse caminho. Desde então, muitos outros assim procederam. Sendo assim, as metáforas são assunto de amplo interesse ao longo dos séculos (Carone, 2011). Um motivo plausível para isso seria a dificuldade ou até a impossibilidade do comportamento verbal sem o uso de metáforas.

A Teoria Cognitiva, dos linguistas Lakoff e Johnson (1980), sobre as metáforas, por exemplo, apresenta como uma de suas máximas a impossibilidade de comportamento verbal sem o uso delas. Essa teoria tem sido aceita por sustentar afirmativas como a citada acima, e ainda, por afirmar que o uso de metáforas favorece uma melhor compreensão sobre os fatos e eventos do mundo.

Na contramão de uma posição cognitiva e, além disso, oposto a uma filiação que defende a metáfora como ferramenta linguística que ampare incondicionalmente o comportamento verbal, está B. F. Skinner, autor a ser considerado no presente estudo, para quem as metáforas não são totalmente desprezadas, desde que haja clareza quanto ao campo em que elas devem permanecer. Skinner foi explícito, em seu livro *Verbal Behavior* (1957/1992), sobre os alcances das metáforas, uma vez que o autor advertiu que as metáforas respondem, e devem somente responder, ao campo da literatura, das artes.

Pode parecer que a posição de Skinner seja demasiada radical, pois o autor é categórico quanto à sua postura sobre o uso das metáforas. Todavia, ele não é o único. Outros autores, anteriores e posteriores à Skinner compactuam com as ideias do autor acerca das metáforas. Para citar um anterior, há o primeiro autor a criar uma teoria sobre a metáfora, Aristóteles, no século V. A.C., para quem a metáfora servia tão somente para embelezar o

discurso. Um autor moderno, que concorda com as colocações de Skinner sobre as metáforas, é Richard Lewontin (2002), biólogo evolucionista e geneticista, para quem as metáforas devem ser evitadas, principalmente na linguagem científica, uma vez que o uso de metáforas no âmbito da ciência pode implicar numa confusa interpretação sobre aquilo que é falado.

Sobre a dicotomia metáfora e ciência, Skinner também discutiu esse tema. O autor foi enfático, no livro *Verbal Behavior* (1957/1992), ao destacar que a ciência deve privar-se do uso de metáforas em suas leis e explicações, antes, a objetividade vocabular deveria ser inerente à linguagem científica. Entretanto, esse é um ponto complexo a ser abordado, uma vez que Skinner, contrário ao uso das metáforas no discurso científico, fez uso delas em sua própria teoria, servindo, dessa maneira, de alvo para as críticas de teóricos favoráveis ao seu uso seja em que campo for (Smith, 1994; Lakoff & Johnson, 1980/2002). As acusações à Skinner quanto a introduzir metáforas em sua teoria surgem desde a noção de seleção pelas consequências, emprestada de Darwin, até o conceito de reforço e de modelagem (Carone, 2011).

O objetivo da presente dissertação é apresentar a perspectiva de Skinner sobre as metáforas. Após a leitura e a análise conceitual dos textos utilizados, dois temas foram derivados e compuseram os resultados deste estudo: *a relação entre metáfora e emoção e sobre o uso de metáforas na ciência*. O primeiro resultado apontou a relação próxima que há entre metáforas e emoções. Já o segundo resultado apresentado foi pautado na separação que Skinner alertou ser necessária entre metáforas e a linguagem científica.

O presente estudo é uma dissertação de mestrado em formato de artigo. Esse modelo é adotado pelo Programa de Mestrado em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina para as dissertações. Assim, será apresentado um artigo intitulado “Sobre Tatos Metafóricos na Obra de B. F. Skinner”.

Sobre Tatos Metafóricos na Obra de B. F. Skinner

Os estudos sobre linguagem apresentam diversos temas, dentre os quais, a metáfora. O estudo sobre as metáforas é difícil, porque há opiniões diversas de vários teóricos acerca desse assunto, e isso, não gera uma posição sólida quanto ao verdadeiro status da metáfora. O primeiro teórico a discutir sobre o assunto foi Aristóteles, no século V a.C, por meio das obras *Poética* e *Retórica*. Com o passar dos séculos esse tema, de modo algum, adormeceu ou se perdeu, antes, cada vez mais teóricos começaram a desenvolver teses e teorias sobre esse assunto, sendo que nos dias atuais uma soma considerável de doutrinas linguísticas defende a metáfora como um recurso linguístico apropriado ou não (Carone, 2011).

Essas apreciações têm como objetivo discutir o papel que as metáforas ocupam no campo da linguagem. Ou seja, discute-se se as metáforas facilitam o entendimento das sentenças de modo a torná-lo mais fácil ou ao contrário, se as metáforas deturpam o significado dos enunciados. Diante disso, não há uma conformidade quanto ao verdadeiro lugar da metáfora. Na divisa de posições já anunciada entre os teóricos há aqueles que preconizam a metáfora como uma ferramenta útil para tornar a relação entre falantes e ouvintes mais facilitada; e os antagonistas a essa posição, que sustentam a metáfora como sendo simplesmente um ornamento estético, que substitui um termo por outro com a função de embelezar o discurso.

Dentre as posições supracitadas, os primeiros que foram citados, favoráveis ao uso da metáfora, afirmam que a produção de conhecimento gerada por meio das metáforas é maior, ou melhor (e.g. Lakoff & Johnson, 1980/2002; Richards, 1964/1971). Quanto a essa filiação favorável ao emprego de metáforas, um desses autores, Black (apud Fossile, 2011, p. 7) considera que o “significado de uma metáfora é sempre novo e criativo e que uma declaração metafórica pode receber um número de diferentes leituras”. Ou seja, para Black, o significado

de uma metáfora não é estático, pronto, antes, o significado será contingente à apreciação de cada leitor, ouvinte ou falante.¹

Black (apud Carone, 2011) assegura que tentar converter metáforas para o literal é ação que desapropria as metáforas do verdadeiro valor cognitivo que subjaz a ela, posto que para ele as metáforas podem funcionar como estímulos que conduzem a entendimentos de como os eventos realmente são na realidade. Outros autores que concordam com Black são Lakoff e Johnson (1980/2002), sendo que a Teoria da Metáfora desses autores tem sido amplamente divulgada e comentada, e é conhecida como a Teoria Cognitiva da Metáfora ou Teoria da Metáfora Conceitual. O motivo dessa popularidade reside na premissa básica que trata a metáfora como essencial à compreensão humana, bem como um recurso que possibilita criar novos sentidos e novas realidades.

Segundo o modelo experencialista, que está relacionado à Teoria da Metáfora Conceitual, os critérios para aceitar algo como verdadeiro sobre as coisas do mundo incluiriam: categorização, implicação e inferência acerca dessas coisas. Sendo que por meio da imaginação poder-se-ia ver um tipo de coisa em termos de outro tipo de coisa, o que, por conseguinte seria denominado pensamento metafórico. Por exemplo, por meio da experiência concreta, mas com a ação da imaginação, pode-se usar palavras como ‘entrada’ e ‘saída’ para dar sentido a experiências emocionais, como, “entrei em depressão”.

¹Skinner define significado como a relação entre variáveis independentes (evocadoras de respostas) em uma relação funcional, e não como propriedade das variáveis dependentes, pois o significado não é um atributo inerente ao comportamento, mas sim das condições sob as quais o comportamento ocorre. Quando alguém diz que sabe o significado de uma determinada resposta ela quer dizer que pode inferir algumas das variáveis das quais a resposta é função (Skinner, 1957/1978).

Aristóteles, por sua vez, que chegou a atribuir à metáfora o estatuto de “linguagem imprópria”, uma vez que a única função para a metáfora seria somente a poética e a retórica. A partir de considerações sobre a metáfora, o autor criou as teorias substitutivas e comparativas. A primeira produziu a retórica clássica das figuras do discurso ou tropologia; e da teoria comparativa derivou-se a Teoria da Interação Semântica de Richards (Carone, 2011).

A teoria substitutiva diz respeito aos nomes (substantivos e verbos) que podem ocorrer na poesia, tragédia, comédia, epopéia, ditirambos e poesia lírica. Para entender a teoria substitutiva, segue um exemplo do livro *Odisseia*, de Ulisses dado por Aristóteles em seu livro *Retórica* (1994): “Aqui a minha nave *se deteve*; Na verdade *milhares e milhares* de gloriosos feitos Ulisses levou a cabo. Tendo-lhe esgotado a vida com seu *bronze/cortando* com o duro bronze” (Aristóteles, 1994, p. 24, itálico acrescido).

Na primeira estrofe, a palavra *deteve* que é um verbo substituiu a espécie ‘ancorar’, posto que se assuma o ‘ancorar’ como possível ao lugar de ‘deteve’, quanto ao gênero ‘muitos’, ele foi substituído por ‘milhares e milhares’, o que mostra uma substituição pela espécie. Quanto ao ‘esgotar’ e ‘cortar’ ambas substituíram o mesmo gênero, nesse caso, diziam respeito a ‘tirar a vida’. Qual a razão dessas mudanças indagava Aristóteles? Sua resposta era direta: baseavam-se em motivações estéticas, e essas eram as razões de ser das metáforas (Carone, 2011).

A teoria substitutiva é ponto a ponto o conceito de metáfora fornecido por Aristóteles: “A metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia” (Aristóteles, 1994, p.33). Esse transportar pode ser entendido como trocas de palavras, a utilização de outros vocábulos, que no caso das metáforas teriam a função de embelezar o discurso.

A segunda teoria derivada das postulações de Aristóteles sobre as metáforas, Teoria da Interação Semântica de Richards, dialoga como analogia. Na analogia a unidade de análise não é mais o nome ou o verbo, mas a relação de predicação segundo a qual A é B. Disso se conclui que há uma nova teoria da metáfora, que atribui à metáfora uma função cognitiva, porque o indivíduo é capaz de dizer quando ‘isto é aquilo’ (Carone, 2011).

Já para o Behaviorismo Radical, teoria sobre a qual este estudo está embasado, as metáforas são um tipo de tato, classificada como tatos metafóricos. Segundo Skinner, esse tipo de operante verbal é comumente usado na literatura (Skinner, 1957/1992). Todavia, seu uso está para além desse campo, e domina vários tipos de discursos, principalmente os diálogos do cotidiano entre falantes e ouvintes, uma vez que ao observarmos a interação de episódios verbais, haverá inúmeras metáforas nos comportamentos verbais emitidos.

A utilização de muitas metáforas pelos indivíduos em suas interações verbais, e a impossibilidade de negação desse fato, justifica a busca sobre como esse recurso linguístico foi descrito, e quais considerações Skinner teceu acerca das metáforas. No Behaviorismo Radical de Skinner a análise de qualquer comportamento é obtida buscando-se as variáveis de controle no ambiente em que o comportamento se mantém, e se determinado comportamento se sustenta ao longo do tempo, ele certamente responde a no mínimo, alguma função, outrora, selecionada. Levantar-se-á a discussão se podemos enquadrar as metáforas nesse mesmo esquema, ou seja, de que não escapa a elas o processo de seleção, e se a resposta for sim, a lacuna a ser preenchida será a que possível ou possíveis funções as metáforas responderiam?

Skinner (1957/1992) alertou que as metáforas podem despertar respostas emocionais. Ou seja, ao ouvir determinadas composições metafóricas, essas podem eliciar comportamentos respondentes e evocar comportamentos operantes, isto, por seu turno, pode ser nomeado na cultura como respostas emocionais ou simplesmente emoções.

Do que foi supracitado, pergunta-se: Qual é a relação entre metáfora e emoção? Por que essa relação é pertinente? Por que quando queremos descrever uma dor, um sentimento, geralmente o fazemos por meio de metáforas para que tal verbalização pareça fazer sentido ao ouvinte? Porque Skinner, em *Verbal Behavior* (1957/1992), alertou que no senso comum as pessoas se comportariam dessa maneira, e seria razoável esse tipo de comportamento; e para os assuntos da ciência, ao contrário de campos como o da literatura, a linguagem científica não deveria ter proximidade com as metáforas; uma vez que esse tipo de discurso necessita ser o mais limpo e coeso possível. Todavia, podemos levantar questões sobre a neutralidade da linguagem científica. O quanto a linguagem científica abdica das metáforas, mesmo que no início de suas formulações? Se o cientista é o homem que observa o mundo, que busca compreender o mundo e como as coisas do mundo funcionam, para excluir explicações mágicas sobre os fenômenos, qual o limite e garantia de que a linguagem científica não possui derivações metafóricas?

Skinner (1957/1992) também afirmou em *Verbal Behavior* que “a extensão metafórica é mais útil quando nenhuma outra resposta estiver disponível” (p.98). Perceba que Skinner utiliza a palavra útil (do inglês *useful*), ou seja, há uma utilidade para a metáfora, há um *status* de valia que baliza seu uso. Entretanto, o problema continua: se nenhuma outra resposta verbal for possível de ser emitida, por que a metáfora se mostraria agora a resposta mais útil? E ela seria útil ou aceitável, se nenhuma resposta fosse possível também para assuntos da ciência, por exemplo? Essas são questões que nortearam este estudo e possíveis respostas serão dadas através das análises dos textos de Skinner que abordam o tema metáfora.

Objetivo Principal

O objetivo deste estudo foi apresentar a perspectiva de Skinner a respeito das metáforas, a partir de textos do livro *Verbal Behavior* (1957/1992) de Skinner, e de outros textos do autor.

Objetivos Específicos

Os objetivos específicos deste trabalho foram: 1º elucidar o paralelo entre metáforas e emoções/sentimentos e 2º a argumentação de Skinner sobre o uso de metáforas na ciência

Método

O método utilizado no presente estudo foi o “método de interpretação conceitual-estrutural de texto”. Esse método tem como objetivo analisar o tema pesquisado por meio da identificação de categorias conceituais de uma disciplina que se relacionam ao tema abordado (Cfe. Bandini, 2008; Lopes & Laurenti, 2010; Melo 2008) ².

Esse método constitui-se em quatro etapas procedimentais realizadas para cada texto fundamental de Skinner:

- 1) levantamento de principais conceitos ou categorias conceituais do texto;
- 2) caracterização das teses do autor (tese tradicional criticada pelo autor e tese alternativa proposta pelo mesmo);
- 3) elaboração de esquemas gráficos;
- 4) elaboração de resumos dos textos que foram consultados.

²Lopes e Laurenti (2010) é um roteiro elaborado para a apresentação de um Método de Interpretação Conceitual-Estrutural de Textos no âmbito da disciplina “Tópicos Especiais em Análise do Comportamento: Filosofia e Metodologia da Pesquisa Conceitual” do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina (texto não publicado), gentilmente cedido pelos autores.

Esse procedimento foi realizado com cada texto fundamental de Skinner.

Quanto à **etapa 1** : *levantamento de principais conceitos do texto*, o objetivo foi listar os principais conceitos e/ou categorias conceituais citados em cada texto analisado e defini-los a partir do próprio texto.

Para o cumprimento da **etapa 2**: *caracterização das teses do texto (tese tradicional ou criticada e tese alternativa)*, o objetivo foi: levantamento das teses citadas no texto. Compreendeu-se como sendo a tese do autor a afirmação que o mesmo propunha acerca de um assunto. Nessa etapa buscou-se identificar as teorias ou doutrinas psicológicas e filosóficas citadas no texto e defini-las. As teses tradicionais/criticadas foram aquelas afirmações feitas por outros autores, teorias ou doutrinas, discutidas pelo autor principal do texto (no caso do presente estudo, Skinner). Foi importante, nesse passo, a definição das teses tradicionais com base no texto, atentando para como o autor expunha tais teses.

A **etapa 3**: *elaboração de esquemas*. O objetivo desta etapa foi a representação gráfica das relações entre teses criticadas e teses alternativas. Essa apresentação foi realizada por meio de textos digitados, onde eram expostas as teses que o autor criticava, bem como, aquelas que ele propunha como teses alternativas. Por fim, na **etapa 4**: *elaboração de resumos*, o objetivo foi: elaboração de um texto (com introdução, desenvolvimento e conclusão) baseando-se nos esquemas que foram desenvolvidos nas etapas anteriores do método. Desse modo, o resumo descreveu as relações pertinentes entre as teses criticadas e teses alternativas.

O tipo de relato utilizado neste estudo foi desenvolvido em forma de ensaio. E as exposições dos tópicos: “*a relação entre metáfora e emoção*” e “*sobre o uso de metáforas na ciência*” que serão apresentados nos resultados, passou a compor o artigo após a leitura de dois textos que foram fundamentais para o estudo, o capítulo 5 do livro *Verbal Behavior* (1957/1992) que aborda o operante verbal tato, e o texto *The Evolution of Verbal Behavior*

(1986) que aborda questões sobre como ocorreu o desenvolvimento do comportamento verbal. Foram redigidos dois resumos que mostrassem quais as teses principais abordadas por Skinner em cada texto e em suas subseções, bem como as críticas que Skinner expunha quanto ao assunto abordado, e quais eram as teses alternativas que o autor propunha quando criticava determinado assunto ou teoria. Esses resumos não estão incluídos no presente artigo.

Ainda outros textos, chamados de fundamentais foram incorporados ao trabalho. São textos *fundamentais* por serem do autor principal considerado no estudo, Skinner. Os procedimentos de análises que foram descritos, foi realizado com todos os textos *fundamentais* utilizados. Textos auxiliares também foram necessários. Esses foram textos que mostraram a posição de outros teóricos sobre o assunto metáforas e temas que foram tratados no presente estudo, bem como comentadores da obra de Skinner com o objetivo de auxiliar nas discussões com mais conteúdo bibliográfico. Abaixo segue a lista dos textos fundamentais que foram analisados e os textos auxiliares que contribuíram para essa análise:

Textos Fundamentais

Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277.

Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, 57, 193-216.

Skinner, B. F. (1963). Behaviorism at fifty. *Science*, 140, 951-958.

Skinner, B. F. (1986). The evolution of verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 1, 115-122.

Skinner, B. F. (1987). Why are not acting to save the world. In Skinner, B. F. *Upon further reflection*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1-14.

Skinner, B. F. (1989). The origins of cognitive thought. *American Psychologist*, 44, 13-18.

Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science of mind? *American Psychologist*, 45 (11), 1206-1210.

Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas: Editora Papyrus. (A. L. Neri, Trad.) (Originalmente publicado em 1989)

Skinner, B. F. (1992). *Verbal Behavior*. Massachusetts, MA: Copley Publishing Group. (Originalmente publicado em 1957).

Skinner, B. F. (2004). Sobre o Behaviorismo. São Paulo: Editora Cultrix. (Originalmente publicado em 1974). (M. P. Villalobos, Trad.)

Skinner, (2007). Porque eu não sou um psicólogo cognitivista? *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2, 307-318. (Originalmente publicado em 1977). (O. F. Galvão, Trad.)

Textos Auxiliares

Abib, J. A. D. (1997). *Teorias do comportamento e subjetividade na psicologia*. São Carlos: EDUFSCar.

Aristóteles. (1994). *Retórica*. São Paulo: Rideel. (Madeira, M. S, Trad.). (original s/d)

Aristóteles. (2004). *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian. (Valente, A.M, Trad.) (original s/d)

Carone, I. (2011). *Metáfora e Psicologia: uma relação perigosa?* Curitiba: CRV

Chiesa, M. (2006). *Behaviorismo Radical: A filosofia e a ciência*. (Cameschi, C. E, Trad.) Brasília: Editora Cealeiro. (Original publicado em 1994)

Fossile, D. K (2011). Um passeio pela trajetória da metáfora. *Revista de Letras*, 14, 01-15.

Recuperado em: http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/14%20Um_passeio_pela....pdf

Goodwin, C. James. (2005). *História da Psicologia Moderna*. São Paulo. Cultrix.

Lakoff, G., & Johnson, M. (2002). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press. (Originalmente publicado em 1980).

Laplanche, J. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Levin, S. R. (1999) Language, concepts and worlds. In Ortony, A. (Ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press. (Originalmente publicado em 1979).

Lewontin, R. C. (2002). *A tripla hélice: Gene, organismo e ambiente*. Portugal: Companhia das Letras.

Martelotta, M. E. (2011). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto

Melo, C. M., & De Rose, J. C. C. (2013). A verdade como efetividade na proposta científica de B. F. Skinner. In C. E. Costa, C. R. X. Cançado, D. R. Zamignani & S. R. de Souza Arrabal-Gil (Eds.), *Comportamento em Foco* (Vol. 02, pp. 17-23). São Paulo: ABPMC.

Pompermaier, H. R. (2013). *Avanços na compreensão da subjetividade no behaviorismo radical*. São Carlos. Dissertação de Mestrado. Recuperado em: http://www.btd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6593

Millenson, J. R. (1967). *Princípios de Análise do Comportamento*. New York. Coordenada-Editora de Brasília.

Richards, I. A. (1964/1971). *Philosophy of Rhetoric*. Oxford: Oxford University Press.

Rico, V. V., Golfeto, R., & Hamasaki, E. I. M. (2012). Sentimentos. M. M. C. Hübner, M. B. Moreira (Eds.). In *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. (pp. 88-99). Rio de Janeiro: Guanabara Kogan.

Smith, L. D. (1994). Metaphors of knowledge and behavior in the behaviorist tradition.

In Leary, D. E. (Ed.). *Metaphors in the history of psychology* (pp.239-266).

Cambridge. Cambridge University Press

Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e Relações Comportamentais*. São Paulo: Paradigma.

Introdução Geral à Teoria do Comportamento Verbal de Skinner

O livro *Verbal Behavior* de Skinner, publicado em 1957, é a proposta desse autor para aquilo que ficaria conhecido como a Teoria Funcional do Significado. Nesse livro, o compromisso de Skinner é apresentar uma nova possibilidade de entendimento acerca do comportamento verbal, muito diferente daquelas posições até então apresentadas - Estruturalismo, Linguística Histórico – Comparativa, Linguística Textual, Gerativismo (Martelotta, 2011). O objetivo de Skinner era extinguir o inatismo da análise do comportamento verbal ou de algo que concebia o homem como um ser melhor que os demais animais por causa da linguagem. Antes, para Skinner, a linguagem tinha sim, que ocupar seu lugar, mas esse espaço era de interação, pragmático, e não diferia de nenhum outro comportamento operante.

Compreenda-se por interação a condição em que é necessária a participação de mais de uma pessoa em um tipo de comportamento em comum, no presente caso, o comportamento verbal, onde cada um a seu tempo desempenhará seu papel, ora de falante, ora de ouvinte. O termo pragmático refere-se à utilidade, no campo do comportamento verbal esse conceito se relaciona à utilidade que há no comportamento verbal, sobretudo no que

tange aos operantes verbais na análise dos episódios verbais entre falantes e ouvintes em interação (Skinner, 1957/1992).

Essa utilidade diz respeito a uma análise funcional do comportamento verbal, de modo a observar, compreender e intervir nas consequências produzidas por esse tipo de comportamento. O comportamento verbal, conforme definido por Skinner, ocorre em comunidades treinadas, não acontece ao acaso, nem por condições inatas. A única parcela inata deste tipo de comportamento diz respeito à parte anatômica, ao aparelho vocal, que se desenvolveu por meio da evolução, o que confere a *possibilidade* dos humanos se comportarem verbalmente, todavia, a *aquisição* do comportamento verbal não está condicionada a um aparelho anatômico sofisticado, antes, o ambiente de falantes e ouvintes em interação é que produz esse comportamento (Skinner, 1957/1992; 1986).

Sendo assim, Skinner define comportamento verbal como comportamento em que as consequências são mediadas por outras pessoas. Essas pessoas seriam ouvintes, e o comportamento de falantes e ouvintes juntos, compõe o que é chamado de episódio verbal total (Skinner, 1957/1992). O foco de análise de Skinner é sobre o comportamento verbal do falante, uma vez que a análise dos operantes verbais ocorre mediante o comportamento verbal do falante. Esse é um ponto importante na teoria verbal de Skinner, pois o autor está o tempo todo colocando em evidência o falante que está inserido em uma comunidade verbal. Nessas comunidades há ouvintes especialmente treinados que, ao interagirem com o falante, consequenciarão o comportamento um do outro durante aquilo que é chamado de episódio verbal. Entretanto, é importante lembrar que falante e ouvinte podem ser a mesma pessoa, pois quando um indivíduo fala consigo mesmo, esse é ao mesmo tempo falante e ouvinte de si mesmo.

Skinner buscava deixar claro um distanciamento das concepções mentalistas, por adotar o termo comportamento verbal e não a terminologia tradicional “linguagem”, pois para esse autor, ao agir dessa maneira, se afastaria a conotação puramente vocal que se atribuía ao comportamento verbal. Isso porque comportamento verbal, para Skinner, não é somente aquele que é produzido pela fala, mas antes, gestos, textos, sinais, também podem ser comportamentos verbais. Outra característica importante que justifica o termo comportamento verbal é que, ao usá-lo, atribui-se mais status ao falante individual, ou seja, destaca-se um determinado comportamento modelado e mantido por suas consequências (Skinner, 1957/1992).

Outra característica importante nessa obra de Skinner, são as categorias dos operantes verbais: tato, mando, ecóico, autoclítico, intraverbal, textual e transcrição. A relevância dessas categorias permite o estudo e a compreensão do comportamento verbal em termos de função sobre o ambiente. Ainda que a topografia dessas respostas também possa ser objeto de análise, serão sempre as relações de controle desses episódios sobre os indivíduos o foco da análise.

O mando é um operante verbal no qual a resposta é reforçada por uma consequência específica e está sob o controle funcional de condições relevantes de privação e de estimulação aversiva do falante (Skinner, 1957/1992). Quando se diz: “Desligue o som” isso se caracteriza como um mando, pois especifica uma ação (desligar) e um reforço negativo (o barulho é cessado).

O comportamento ecóico é um comportamento verbal que está sob o controle de um estímulo verbal antecedente, a resposta gera um padrão sonoro semelhante ao do estímulo (Skinner, 1957/1992). Por exemplo: ao ouvir o som ‘lindo’, o falante diz ‘lindo’. Os autoclíticos são operantes verbais de segunda ordem, o que significa que eles dependem de

um operante verbal de primeira ordem, como mando ou tato. Existem quatro tipos de autoclíticos: descritivos, qualificadores, quantificadores, relacionais. Autoclíticos descritivos são operantes verbais em que o falante encontra-se mais habilitado a discriminar seu próprio comportamento verbal e conseqüentemente a tatear o comportamento verbal subsequente de modo a manter o controle que julga necessário sobre determinado episódio verbal. Por exemplo, um falante pode dizer: “eu fui à igreja”, “eu estou indo à igreja” ou “eu irei à igreja” (Skinner, 1957/1992).

Os autoclíticos qualificadores são classificados em três tipos. Qualificadores de negação, o uso da partícula *não* é a unidade definidora desse autoclítico; autoclíticos qualificadores de afirmação pelo uso da partícula *sim* e do *é* que são as unidades que caracterizam esse tipo e, por fim, os autoclíticos qualificativos que respondem aos advérbios. Os autoclíticos de negação servem como qualificadores dos tatos nas frases, por exemplo: “Laura *não* está aqui”. O mesmo ocorre com a partícula da afirmação que confirma a informação fornecida em um tato. Como exemplo, é muito diferente dizer: “eu *acho* que esta é Laura” e afirmar “Esta *é* Laura, esta *sim*, *é* Laura”.

Há também os autoclíticos descritivos que compõem a categoria dos advérbios, como, por exemplo: seriamente, afortunadamente, provavelmente. Os autoclíticos quantificadores são as respostas que se caracterizam pela gramática tradicional como os adjetivos e advérbios de tempo e quantidade (poucos, muitos, alguns, todos, sempre) e artigos definidos de número e gênero (a, as, o, os). Por exemplo, ao dizer “*poucas* pessoas conhecem a Análise do Comportamento” e “*muitas* pessoas conhecem a Análise do Comportamento”, ambas as frases devem exercer controles diferentes sobre o ouvinte, porque as propriedades quantitativas são diferentes (Skinner, 1957/1992).

Os autoclíticos relacionais são aqueles que permitem a coexistência de outros operantes básicos, ou seja, denotam que os elementos de uma frase e suas unidades verbais, por exemplo, preposições, conjunções, inflexões, pontuação, e a ordem de apresentação dessas unidades caracterizam a relação autoclítica relacional. Por fim, há um grupo de autoclíticos que são impossíveis de serem transcritos, como, entonações, pausas, risos e sarcasmos (Skinner, 1957/1992).

Intraverbal é definido como determinada resposta sendo evocada por um estímulo discriminativo verbal, ou seja, na presença de determinado estímulo discriminativo verbal, determinada resposta é reforçada em determinada comunidade verbal (Skinner, 1957/1992). Por exemplo, quando um indivíduo diz: “Bom dia, tudo bem com você”? Essa estimulação verbal, provocada pelo falante, evoca no ouvinte um tipo específico de resposta convencionada pela comunidade verbal, o que faz com que o falante geralmente responda perante aquela estimulação verbal: “Bom dia, tudo bem e você”? e ambos alternam seus papéis de falantes e ouvintes, porque muitas de suas interações verbais, como nesse exemplo, servem de estímulos que evocam respostas verbais no comportamento de ambos. Quanto ao operante textual, esse é quase autoexplicativo, refere-se ao comportamento de leitura, e o operante verbal transcrição é o comportamento de cópia, ou mais comumente conhecido como tomar ditado (Skinner, 1957/1992).

Por fim, há o operante verbal tato no qual determinada resposta é evocada por um objeto particular, acontecimento ou propriedades dos eventos e objetos, ou seja, na presença de determinado objeto ou acontecimento uma dada resposta é reforçada em uma comunidade verbal específica (Skinner, 1957/1992). Por exemplo, diante de um ponto de ônibus um falante diz para seu ouvinte “Bem, fico nesse ponto, já está na hora do meu ônibus passar”.

Uma das particularidades desse operante verbal são as extensões verbais que Skinner descreveu para o tato ampliado. As extensões verbais são as subdivisões que Skinner propôs ao tato ampliado, aquele tipo de tato que quando reforçado em uma dada situação, poderá ser reforçado em uma situação diferente, desde que compartilhe alguma propriedade com o estímulo anterior. Por esse motivo Skinner nomeou para o tato ampliado, quatro tipos de extensões: a genérica, a metafórica, a metonímica, a solecista. Uma dessas extensões é justamente a extensão metafórica. Segundo o autor essa extensão ocorre “por causa do controle exercido pelas propriedades do estímulo as quais, embora presentes no reforço, não se incorporam à contingência respeitada pela comunidade verbal. Este é o processo familiar da metáfora”³(Skinner, 1957/1992, p. 120). Ainda com o autor:

A única diferença entre a extensão metafórica e a generalizada está no tipo de propriedade que obtém o controle da resposta. Um exemplo de extensão metafórica “é o da criança que, bebendo soda pela primeira vez, afirmou que ela tinha um gosto semelhante ‘*ao de meus pés quando dormem*’. A resposta meus pés quando dormem havia sido previamente condicionada em circunstâncias que envolviam duas condições de estímulos distintas: a imobilidade parcial do pé e certa sensação de agulhadas. A propriedade que a comunidade usa no reforço da resposta era a imobilidade, mas a sensação de agulhadas também era importante para a criança. Uma sensação semelhante, provocada pela soda, evocou a resposta”⁴ (Skinner, 1957/1992, p. 120, *itálico acrescido*)

³ Do original: “Because of the control exercised by properties of the stimulus which, though present at reinforcement, do not enter into the contingency respected by the verbal community. This is the familiar process of metaphor” (Skinner, 1957/1992, p. 92).

⁴Do original: “By the child who, upon drinking soda water for the first time, reported that it tasted ‘lime my foot’s asleep’. The response my foot’s asleep had previously been conditioned under circumstances which

Outro tópico importante a ser levantado é a concepção de significado intrínseca à teoria do comportamento verbal de Skinner. Enquanto as outras teorias trabalham com noções de referente e referência como sendo os objetos que significam algo no mundo, Skinner não compactua com essa tese. Para ele, os objetos do mundo não guardam consigo o significado das coisas (1957/1992). O significado de um vaso, por exemplo, não está no objeto ou na palavra “em si”, mas na relação que os falantes e ouvintes das comunidades verbais criam com esse objeto. Retornando ao exemplo do vaso, o objeto não contém o significado de vaso somente por que assim ele é chamado, mas antes, porque a comunidade verbal, a partir de condicionamentos o nomeou, e isto se extrapola para com todas as coisas do mundo. Desse modo, na teoria de Skinner o significado é relacional, está nas relações comportamentais entre os indivíduos das comunidades verbais; pois se para o mesmo objeto chamado vaso, os indivíduos de uma dada comunidade entrar em acordo, e a partir de condicionamentos, começarem a chamar esse objeto, outrora conhecido como vaso, de estribo, por exemplo, eles assim poderão fazer.

Resultados e Discussão

A Relação entre Metáfora e Emoção

Alerta-se que não há uma fronteira precisa, pelo menos não do ponto de vista teórico conceitual, que apresente as diferenças entre emoções e sentimentos, de modo que a compreensão sobre o assunto possa ser encerrada sem maiores questionamentos ou até mesmo dúvidas.

involved two conspicuous stimulus conditioned – the partial immobility of the foot and a certain pinpoint stimulus. The property which the community used the reinforcing the response was immobility, but the pinpoint stimulation, produced by tasting soda water, evoked the response” (Skinner, 1957/1992, p. 92-93).

Sobre as emoções/sentimentos Skinner discorre que eles contêm processos respondentes, e por esse motivo, não devem ser negligenciados pelos analistas do comportamento (Skinner, 1987). O que é importante salientar sobre a posição do autor a respeito de emoções/sentimentos são as relações de interdependência que existe entre processos operantes e respondentes que atuam para compor os comportamentos nomeados como emoções/sentimentos. Não existem meios que possibilitem conceber uma emoção/sentimento sobre o ponto de vista skinneriano, se esses dois processos (operantes e respondentes) não estiverem presentes.

O processo respondente permite que a tenacidade de uma determinada emoção seja mais forte, ou seja, por meio desse processo que envolve tanto estímulos do ambiente quanto respostas fisiológicas, a manifestação e o estabelecimento de uma determinada emoção aliada ao comportamento operante ocorrem (Rico, Golfeto & Hamasaki, 2012).

O processo respondente também está presente nas emoções/sentimentos. Quando por exemplo um estímulo outrora neutro (SN), é submetido a alguns pareamentos com um estímulo eliciador aversivo incondicionado, ele (SN) passa pelo processo de condicionamento e uma situação aversiva se estabelece. Em outro momento, quando esse estímulo é apresentado, ele por si só elicia respostas emocionais, que poderíamos nomear de formas diferentes a depender da situação, por exemplo, como medo. Isto ocorre por toda uma vida. Aprende-se a responder e a relatar o que é sentido de determinadas maneiras, porque continuamente essas relações são estabelecidas.

Em alguns casos, não há necessidade do estímulo outrora neutro ser apresentado várias vezes. Pode-se, por exemplo, ver alguém acender inúmeras vezes fogos de artifício na presença de outras pessoas (comportamento operante), e a constatação ser a de que nada aversivo ocorreu, contudo, se outra pessoa acender um desses fogos e, por acaso, ele causar

algum tipo de dano à mão ou outra parte do corpo desse indivíduo, provavelmente as chances de vir a acender outro fogo de artifício serão mínimas, senão nulas, e ainda mais; quando questionada sobre o que aconteceu, certamente, o relato descreverá o ato que acarretou o dano; e ainda, como a pessoa se sentiu, ou seja, as respostas fisiológicas sob o controle do qual ocorrem às respostas descritivas do sujeito, podem envolver comportamentos respondentes diante dessa situação.

É a interação entre os dois processos (operantes e respondentes) que não permite afirmar que emoções/sentimentos são somente processos respondentes, por exemplo. Os humanos são afetados o tempo todo por coisas que lhes ocorrem em diversos contextos. As pessoas saem de suas casas para ir ao banco (comportamento operante), mas quando chegam ao mesmo e há uma fila com 15 pessoas à sua frente e somente um caixa, provavelmente, algum tipo de emoção/sentimento começarão a sentir. Se um indivíduo compra algo (comportamento operante) confiando na palavra de outro de que aquilo pelo que pagou será entregue no prazo, mas isso não ocorre, uma série de emoções/sentimentos pode ser eliciada (processo respondente). Todos como produtos das contingências às quais o indivíduo foi exposto.

No âmbito dessa discussão há outra consideração acerca das emoções/sentimentos que precisa ser feita, a de que: emoções/sentimentos não são causas de comportamento. Skinner (1953/2003) diz:

. . . não é de qualquer auxílio, na solução de um problema prático, dizer-se que algum aspecto do comportamento do homem se deve à frustração ou à ansiedade; precisamos também saber como a frustração ou a ansiedade foi induzida e como pode ser alterada. (p. 184)

Rico et al (2012) ao falarem sobre a relação das emoções/sentimentos com o comportamento, dizem:

. . . costumamos pensar que as emoções/sentimentos controlam nosso comportamento. Dizemos que alguém bateu o telefone porque estava com raiva, que foi ao cinema porque gosta de filmes; que se isolou porque estava triste etc.

Tal visão se mostra presente nas teorias mais tradicionais da Psicologia. (p. 89)

Skinner (1974/2004) esclarece que as escolas tradicionais da Psicologia obscurecem as verdadeiras causas do comportamento ao buscar uma explicação interna, sustentada por um falso senso causal baseado nas emoções/sentimentos e naquilo que foi introspeccionado. Skinner chega a afirmar “que há um tipo de introspecção, uma espécie de observação pelo indivíduo do que aconteceu com sua interioridade. No entanto, o que é observado é simplesmente o próprio corpo, não um mundo imaterial qualquer” (Skinner, 1974/2004, p. 17, *itálico acrescido*).

Skinner (1974/2004, p. 23) disse:

Uma pequena parte do universo está contida dentro da pele de cada um de nós. Não há nenhuma razão para que ela tenha um status físico especial em virtude de se situar nesses limites e nós eventualmente teremos uma explicação completa dela fornecida pela anatomia e fisiologia.

Contudo, ainda que Skinner dê a cada disciplina a função que lhe cabe, como à Anatomia e à Fisiologia, o autor de modo algum concorda que ambas encerram discussões acerca do comportamento. No que tange à Neurofisiologia, por exemplo, este campo apresenta avanços extraordinários sobre as descobertas do cérebro humano, todavia, não esgotam tampouco substituem uma explicação relacional para o comportamento humano (Tourinho, 2009). Skinner, ao criticar as explicações mentalistas, não deixou de incluir a Neurofisiologia e sobre isso em “O comportamento dos organismos” (1938/1991) afirmou:

Eu já mencionei no capítulo uma visão primitiva e ainda não totalmente vencida de que os fenômenos do comportamento são essencialmente caóticos, mas que eles

podem ser reduzidos a um tipo de ordem através da demonstração de que eles dependem de um sistema determinante fundamentalmente interno. Essa é a visão que muito naturalmente se apresenta a si mesma como alternativa materialista às concepções psíquicas ou mentalistas do comportamento. O tipo de homúnculo neural que é postulado como a força controladora carrega uma inequívoca semelhança com o homúnculo espiritual ou mental dos velhos sistemas, e suas funções da mesma forma introduzem um tipo de ordem hipotética ao mundo desordenado (Skinner, 1991, p. 101).

Dessas apreciações de Skinner, enfatiza-se que o enfoque para a compreensão das emoções/sentimentos deve ser dinâmico e alicerçado sobre a tríplice contingência e os três níveis de seleção (filogênese, ontogênese e cultura), pois, juntos, atuam em um continuum de complexidade para a constituição das emoções/sentimentos (Tourinho, 2009). Acrescido a isso, há o comportamento verbal, comportamento fundamental para os indivíduos apresentarem repertórios autodescritivos de suas emoções/sentimentos, que promove o autoconhecimento, comportamento este que habilita o indivíduo a compreender melhor as relações de controle que se estabelecem entre os estímulos e os contextos, e que por seu turno o afetam. Pois aquilo que é sentido ou uma parcela do que é experienciado emocionalmente/sentimentalmente fica sob controle do próprio indivíduo, somente depois que as comunidades verbais modelam respostas autodescritivas sobre as emoções/sentimentos (Skinner, 1945).

Muitos comportamentos emocionais/sentimentais podem vir acompanhados por topografias ou comportamentos verbais mínimos, como interjeições (e.g., Ai, Ui, Ahh, Xiii). Quando alguém aguarda um procedimento médico e balança continuamente a perna ou anda de um lado para outro, essas ‘dicas comportamentais’ servem para a audiência inferir sobre estados privados do indivíduo, que podem ser a de que esse indivíduo está nervoso, com

medo ou ansioso. É neste sentido que Skinner faz alusão a um mundo dentro da pele, mundo este a que somente cada um tem acesso, e somente o indivíduo especialmente treinado em uma cultura poderá apresentar respostas descritivas sob o controle do que esse corpo produz (Skinner, 1974/2004).

Conceitualmente, parte dos eventos que ocorrem sob nossa pele constitui o que denominamos emoções ou sentimentos; estes, denominados eventos privados. “Embora dotados de uma mesma natureza física, certos eventos que são constitutivos da Psicologia, estímulos e respostas, diferenciam-se por sua inacessibilidade à observação pública direta: são, então, designados eventos privados” (Tourinho, 2009, p.102, *itálico acrescentado*).

Desse modo, é o comportamento verbal que permite o acesso daquilo que é sentido privadamente para a esfera pública. Isso ocorre por meio de treino, em que já na infância cada indivíduo é ensinado a descrever como se sente. Skinner (1957/1992) sugere que há quatro maneiras pelas quais uma comunidade verbal pode produzir comportamento verbal sob controle de eventos privados. A primeira maneira seria modelar esse relato a partir de uma resposta pública que fora produzida (de maneira reflexa) por um estímulo exclusivamente privado. Por exemplo: quando uma criança leva a mão a um dos lados da face (comportamento operante), e a mãe pergunta: está com dor (resposta reflexa) de dente? A dor de dente foi inferida a partir das respostas colaterais públicas da criança. Se aquilo que é sentido pela criança cessa com o remédio administrado pela mãe; caso essa dor se repita no futuro, a criança poderá dizer: meu dente dói! Sendo assim, a mãe dará o remédio à criança, o que resultará na cessação da dor.

Outro modo de ensinar um relato de evento privado é modelar este repertório a partir de um evento público. Por exemplo: sempre que uma criança ralar o joelho, será ensinado a ela dizer: “está doendo!” Quando o comportamento de ralar o joelho ocorre, a criança tem uma série de respostas privadas, uma delas, a dor. Nesse caso, a mãe ou responsável se

antecipa, e não precisa esperar a criança chorar para concluir que a criança se machucou, antes, a mãe, vê o joelho machucado e pergunta: “está doendo”? Diante disso, a criança responde sim, e recebe os cuidados necessários. A conclusão desse segundo tipo de aprendizagem é que em pouco tempo a criança estará relacionando o machucado e as sensações que o mesmo provoca com a resposta verbal “está doendo”. O joelho ralado, as sensações privadas que o acompanham passaram a ser estímulos discriminativos para falar sobre a dor e conseqüentemente receber cuidados (Skinner, 1957/1992).

A terceira forma de descrição de eventos privados é recorrer ao uso de metáforas em vez de fazer uso dos eventos privados em si. Isso pode ser feito ensinando os membros das comunidades verbais a emitir relatos verbais a partir de propriedades comuns entre um estímulo público e o estímulo privado. Por exemplo: “Estou com um nó na garganta”, é falar sobre um evento privado, contudo, se faz uso de uma propriedade típica de um evento público - no caso, o nó (Skinner, 1957/1992).

A quarta maneira é descrever eventos privados sem nos remetermos ao nome dos sentimentos. Esse modo de descrição é o menos usado em nossa cultura (1957/1992). A descrição feita dessa maneira é relatada narrando-se a situação que provoca a condição sentida ou descrevendo possíveis ações. Por exemplo, em vez de dizer: “perdi a paciência porque estava com raiva”, o indivíduo poderá dizer: eu briguei quando vi que aquela pessoa de que não gosto entrou no recinto e veio me desrespeitar.

Porém, Skinner (1953/2003) alerta:

. . . as técnicas que garantem a fidedignidade de um relato verbal não podem ser usadas como sustentação de uma descrição privada. A ciência da Psicologia introspectiva encontra essa dificuldade sempre que se afasta do estudo das respostas a estímulos controláveis. Por exemplo, o psicólogo pode manipular a cor, o brilho, a saturação de um ponto luminoso, para estabelecer no sujeito um repertório verbal sensível em

relação a essas propriedades. Uma situação experimental como esta não levanta, de modo algum, o problema do que é privativo do sujeito. Mas o estabelecimento de um repertório comparável para distinguir entre ‘vários estados emocionais’, por exemplo, é tarefa de tipo muito diverso. (p. 284)

A aprendizagem acerca daquilo que é sentido se depara com algumas dificuldades, principalmente a de acesso, todavia, torna-se facilitada pelo comportamento verbal, e introduz a própria metáfora, como assinalado por Skinner, na descrição de eventos privados (Skinner 1957/1992). Sendo assim, retomam-se as perguntas outrora formuladas: Qual é a relação entre metáfora e emoção? Por que essa relação é pertinente? Por que quando um indivíduo descreve uma dor, um sentimento, geralmente o faz por meio de metáforas? Leia-se em *Verbal Behavior*: “Ela - metáfora - pode ser mais familiar e pode afetar o ouvinte de outras maneiras, particularmente *despertando respostas emocionais*” (Skinner, 1957/1992, p. 125-126, *itálico acrescido*).⁵ Skinner afirma que além da metáfora soar mais familiar ao ouvinte, ou habitual, o efeito principal (função) gerado pelas metáforas sobre o ouvinte é de cunho emocional.

Skinner (1989/1991, p. 20) também disse:

Quanto podemos saber sobre o que alguém está sentindo, e como o que é sentido pode ser mudado? Não é suficiente perguntar a outra pessoa como ou o que ela está sentindo porque as palavras que ela usará para responder foram adquiridas, como se sabe, de pessoas que não sabiam exatamente o que estavam falando. Algo desse tipo parece ser verdadeiro quanto ao uso primitivo de palavras que descrevem estados internos. . . todas as palavras usadas para designar sentimentos começaram como

⁵Do original: “It may be more familiar, and it may effect the listener in the other ways, particularly in arousing emotional responses” (Skinner, 1957, p. 97).

metáforas, e é significativo que a transferência sempre tenha sido do público para o particular. Nenhuma palavra parece ter sido originalmente cunhada para nomear um sentimento. . .

Skinner apresenta dois aspectos importantes na citação anterior. Primeiro, que os relatos verbais sobre os emoções/sentimentos não são confiáveis, uma vez que a aquisição do vocabulário que descreve os estados subjetivos é adquirida por pessoas que não sabem razoavelmente do quê se trata aquilo que dizem. Essa é uma consideração importante, uma vez que ao levar-se em conta o processo histórico de transmissão do comportamento verbal sobre as emoções/sentimentos, e a afirmativa de que esse repertório é falho, o acesso entre as gerações acerca das discriminações fidedignas entre o sentir e relatar, podem estar, todas, de alguma maneira equivocadas. E se o relato das emoções/sentimentos é feito essencialmente por meio de metáforas, o segundo aspecto a ser considerado, é o de que certamente elas - metáforas -, contribuem para esses equívocos sobre os relatos dos estados subjetivos.

Para Skinner (1957/1992), na metáfora “novas propriedades da natureza são constantemente trazidas para o controle do comportamento verbal. Estas se tornam estabilizadas como tatos padrões, sujeitos por sua vez, a extensões metafóricas ou genéricas adicionais”.⁶ (p.123) Isso significa primeiro, que em uma teoria relacional como a de Skinner, as metáforas não são criadas ao acaso, antes são respostas verbais a estímulos presentes na natureza, no “mundo físico”, todavia, essa extensão que se pratica das metáforas tende a ter muitas variações, uma vez que para uma mesma palavra confere-se, com consenso da comunidade verbal, “significados” diversos para situações e objetos diferentes. Por exemplo,

⁶Do original: “New properties of nature are constantly being brought into control of verbal behavior. These become stabilized as standard tacts, subjects in turn to further generic or metaphorical extension” (Skinner, 1957, p. 95).

o termo depressão pode estar relacionado a uma condição de saúde mental, à estrutura de um solo ou uma crise entre as bolsas financeiras de um país ou entre países. Talvez por isso, Skinner (1957/1992) tenha afirmado que “o comportamento verbal seria muito menos eficaz se as extensões metafóricas não fossem possíveis”.⁷ (p. 125) Certamente, tentar explicar as três condições no exemplo anterior, em que o uso da palavra depressão foi empregado, ou por que foi aquela a palavra utilizada nos exemplos e não outra, abdicando do recurso metafórico, seria tarefa difícil.

Em contraponto aos teóricos que discutem o assunto desde Aristóteles, Skinner (1957/1992) questiona a tese que busca colocar a metáfora como uma “realização especial do pensamento analógico”.⁸ (p.120) Antes, para o autor o processo inerente à metáfora é aquele “representado por nossa relação de três termos”.⁹ (p. 120) Diante disso, para compreender a gênese e o uso das metáforas no cotidiano do ponto de vista behaviorista radical são necessários três passos: uma condição, a resposta e uma consequência. Sobre a condição em que uma resposta metafórica pode ocorrer, Skinner diz que “refletem os tipos de estímulos que mais frequentemente controlam o comportamento usado para inferir condições acerca da vida do falante, mesmo quando tais fatos não são conhecidos de outra maneira”.¹⁰ (p. 123) A resposta presume-se seja a própria metáfora; e a consequência, o efeito que ela produz nos ouvintes, na comunidade verbal, que certamente extrapola o simples ‘ouvir’ uma metáfora,

⁷Do original: “Verbal behavior would be much less effective if metaphorical extension were not possible” (Skinner, 1957, p. 97).

⁸Do original: “Requiring a special faculty of analogical thinking” (Skinner, 1957, p.92).

⁹Do original: “But the basic process is again adequately represented by our three-term relation” (Skinner, 1957, p. 92).

¹⁰Do original: “Reflect the kinds of stimuli which most often control his behavior. This fact is commonly used in inferring conditions about the life of a speaker either when such facts are not otherwise known or in order to establish authorship” (Skinner, 1957, p. 95).

mas antes, se a comunidade irá selecioná-la, se ela será validada como de utilidade à comunidade verbal.

Mas a questão permanece: como as metáforas podem afetar os ouvintes emocionalmente/sentimentalmente? Primeiro, as emoções/sentimentos, de modo algum estão dissociadas do organismo como um todo. O homem que se comporta em uma situação em que outros podem nomear como totalmente “racional” e pública (no sentido de não emocional, tampouco, privada), ainda assim, é o mesmo homem que pode ter respostas emocionais diante de comportamentos que pareçam não envolver emoções. Não há como dividir o homem, e dizer que ora ele é somente racional, ora ele é totalmente emocional. É a cultura do senso comum e das psicologias tradicionais que assim o fazem. O organismo que se comporta se comporta como um todo e o tempo todo (Skinner, 1974/2004).

Desse modo, é plausível a hipótese de que a relação entre metáfora e emoção, seja a relação de estímulos que o homem, com a evolução do comportamento verbal, tem realizado entre os estímulos do ambiente e as respostas fisiológicas do corpo. E ainda, o refinamento do vocabulário, com o advento das inúmeras artes humanas, como: pintura, literatura, música, cinema; tenham reforçado esse tipo de comportamento humano. Talvez por um custo de resposta menor, e ainda, por carência de comunidades verbais que ensinassem e fortalecessem o quarto passo assinalado por Skinner (1957/1992), sobre como narrar eventos privados sem fazer uso de metáforas, surgiram comunidades verbais que se habituaram a falar sobre seus estados emocionais por meio de uma linguagem metafórica.

Ao longo da história humana, principalmente desde a ocorrência do comportamento verbal, os indivíduos falam sobre seus comportamentos, públicos ou privados, utilizando metáforas e o comportamento oposto é apresentado em uma quantidade cada vez menor. Provavelmente o primeiro tipo de comportamento tornou-se uma prática

cultural, no sentido, em que muitas pessoas o emitem por ter uma função reforçadora nas comunidades humanas, e como tal, tem suas implicações para o comportamento humano.

Skinner (1957/1992, p. 126) diz: “numa situação nova, na qual nenhum termo genérico pode ser ampliado, o único comportamento eficaz pode ser metafórico”.¹¹ Ou seja, quando o indivíduo não dispõe de nenhum outro termo para se referir, por exemplo, a um conjunto que contém a mesma espécie com linhagens diferentes, ele comumente utilizará metáforas. Por exemplo, quando alguém diz cachorro (conjunto) para cachorros (espécie) de linhagens (raças) diferentes como *beagles* e *basset hounds*, *lhasa apso*, *maltês*, *pit bull*, *schnauzer* isto seria o acréscimo de um termo genérico.

Ainda com Skinner (1957/1992): “Quando a expressão literária é reforçada em seus próprios direitos, ela se torna útil na descrição direta” (p.99)“ . . .em literatura... as extensões metafóricas prevalecem. Ninguém negará que elas são eficazes.”¹² (p. 99)

Desse modo, a síntese entre metáfora e emoção, parece ser: *emparelhamento entre estímulos e custo de resposta menor*. Ou seja, se para uma mesma palavra através da evolução do comportamento verbal, o homem aprendeu e se habituou ao fato de que diversas palavras podem compartilhar distintos significados - como no exemplo outrora citado sobre a palavra depressão -, disso podemos derivar a hipótese que esse comportamento visava uma economia vocabular, seja pela impossibilidade de outras palavras poderem ser usadas ou pela ascensão daquilo que é conhecido como ‘processo criativo’. Um exemplo pode ser a literatura

¹¹Do original: “In a novel situation to which no generic term can be extended, the only effective behavior may be metaphorical” (Skinner, 1957, p. 98).

¹²Do original: “When the literary expression is reinforced in its own right, it becomes useful in straight description... In literature metaphorical extensions therefore prevail. No one Will deny that they effective” (Skinner, 1957, p. 99).

em sua expressão tradicional, apresentada nos livros chegando até os roteiros dos filmes mais metafóricos, como os do diretor Terry Malick, por exemplo. Contudo, há uma ressalva a ser feita. As produções literárias, muitas vezes, não seguem o proposto acima, e sim o contrário. O custo de respostas para a composição de determinados poemas, poesias ou até mesmo um livro inteiro que possui muitas metáforas, pode ter exigido do autor, justamente pelo emprego desse recurso linguístico, tempo e outras exigências que, de modo algum, produziram economia vocabular ou facilitaram a composição dos textos.

Isso corroboraria a colocação do primeiro teórico a criar uma teoria sobre a metáfora, Aristóteles, século V. a. C., para quem a metáfora significava transportar o nome de uma coisa para outra. E nessas palavras que podem ser transportadas para falarem, nomearem diversas coisas, as emoções não escaparam a esse processo. Pois, parece ser mais sofisticado frases que empregam e de alguma forma nos toca emocionalmente ouvir: “foi convidado para um chá da tarde, tinha a fé de um apóstolo de que nossa reconciliação estava certa, mas tamanha foi minha surpresa ao perceber que junto à xícara de chá, ela dispôs sobre a mesa pequenos bolinhos de amargura e rancor que desencorajaram qualquer chance de recomeço” e isso, somado a outros estímulos presentes no contexto, como o lugar em que a pessoa se encontra; alguém que esteja próximo e por quem se tem algum tipo de afeto; detalhes que estejam presentes no espaço físico se somam às composições metafóricas e eliciam respostas emocionais.

Disto conclui-se que não é a metáfora *per se* que possui uma força capaz de provocar respostas emocionais, mas antes, a associação de várias condições onde as metáforas foram emitidas, ouvidas, aprendidas que, aí sim, nesse *continuum* de estímulos atuantes, somado a uma resposta verbal metafórica, teriam esse efeito que é o de “despertar respostas emocionais”. Uma metáfora isolada, tal como qualquer outro comportamento que seja

dissociado de seu contexto, somente fará sentido, na medida em que facilitar comportamentos efetivos diante de certas contingências de reforço outrora estabelecidas e compartilhadas pela comunidade verbal. Por isso, é imperativa uma análise macro sobre os estímulos atuantes na determinação da manutenção de determinado comportamento. Talvez, mais influente do que uma composição metafórica para eliciar respostas emocionais, sejam os contextos e os estímulos presentes nesses ambientes onde às metáforas foram e são aprendidas.

Sobre o Uso de Metáforas na Ciência

Skinner (1957/1992) ressalta: “Qualquer sobrevivência posterior {da metáfora} interferirá no uso científico”.¹³ (Colchete acrescido, p.128) O autor deixou claro que quando se trata da ciência, não deve haver junção entre linguagem metafórica e a linguagem científica, pois, certamente, o uso de metáforas prejudicaria os assuntos científicos. Isso, talvez, porque falte à linguagem metafórica o rigor operacional na escolha das palavras quando se pratica ciência e quando se escreve sobre ciência.

Ainda, há uma distinção importante a ser feita sobre linguagem científica, metáfora, linguagem vernacular e literatura para a discussão que será feita neste tópico. Linguagem vernacular e literatura não são sinônimas de metáforas. A linguagem vernacular e a literatura não se limitam ao uso de metáforas. Contudo, há muita metáfora presente na literatura e na linguagem vernacular; e algumas das análises interpretativas do presente estudo, derivadas das considerações de Skinner sobre o vernáculo e a literatura, serão aplicadas à metáfora. Portanto, quando o leitor se deparar com citações ou análises que ora empregam a palavra vernáculo, ora a palavra literatura, e em outro momento a palavra metáfora, isto é resultado da interpretação da autora de que não é incomum a possibilidade de argumentar-se sobre as

¹³Do original: “Any survival of the latter would interfere with scientific use” (Skinner, 1957/1992, p. 99).

metáforas a partir das considerações que Skinner fez do vernáculo e da literatura não científica.

Skinner (1957/1992) também afirmou: “ninguém negará que elas são eficazes, mas a vantagem que auferimos da leitura de Dostoiévsky ou de Joyce à medida que compartilhamos seu conhecimento ou compreensão da natureza humana, é muito diferente da obtida pelo estudo científico.”¹⁴ (p. 128) E mais: “a literatura é pré-científica no sentido de que fala de coisas ou acontecimentos antes que a ciência os aborde, e mostra-se menos inclinada a falar deles depois que a ciência os abordou.”¹⁵ (p.98) Aqui é como se Skinner estivesse a dizer que a linguagem metafórica até pode tatear coisas ou acontecimentos do mundo, de modo algum ela está impedida disso; todavia, quem tem a alçada para fazer isso com propriedade é a ciência. Leia-se o que Skinner (1957/1992) disse:

A melhor ilustração desse fato encontra-se no campo da própria psicologia. O comportamento humano é um assunto extremamente difícil. Os métodos da ciência só foram aplicados a ele muito tardiamente e a explicação ainda está longe de ser completa. Mas este é o campo em que a literatura se mostra mais competente, segura e eficiente. Um Dostoyévsky, uma Jane Austen, um Stendhal, um Melville, um Tolstói, um Proust ou um Joyce parecem revelar um domínio do comportamento humano que está muito além dos métodos científicos. Na medida, porém, que a

¹⁴Do original: “No one will deny that they are effective; but the advantage we gain by regarding Dostoyevski or Joyce, in coming to share their ‘knowledge’ or ‘understanding’ of human nature, is very different form the advantage gained form scientific study” (Skinner, 1957/1992, p. 99).

¹⁵Do original: “Literature is prescientific in the sense that it talks about things or events before science steps in- and is less inclined to talk about them afterward” (Skinner, 1957/1992, p. 98).

literatura simplesmente descreve o comportamento humano de uma forma narrativa, não se pode dizer que ela revela qualquer compreensão do mesmo...(p. 98)¹⁶

Com essa citação, Skinner procura dizer que embora *a priori* a literatura não científica possa parecer um recurso confiável para abordar assuntos diversos, essa impressão é efêmera e não é confiável. O que a literatura faz é a narração sobre fatos, eventos, e de modo algum, disponibiliza aos leitores uma compreensão eficaz sobre o comportamento humano.

Se Skinner é explícito sobre o fato de que o vocabulário científico não deve ser composto por metáforas; há autores que o acusam de ter criado uma teoria que se vale de metáforas (Ortony, 1979/1998; Smith, 1994). Esses autores afirmam que as metáforas mais óbvias nas obras de Skinner são a de modelagem e a do reforço. Onde para a primeira quer exista a aceção de uma modelagem realizada por um experimentador ou pelas contingências do ambiente, há o sentido metafórico de que algo será modelado como que “uma peça de argila ou barro; no segundo caso, envolve a dimensão metafórica de seleção natural, na medida em que nenhum animal ou organismo vivo é uma tábula rasa quando chega ao laboratório” (Carone, 2011, p.53). Quanto ao uso da palavra reforço, ela remete ao “uso de força, de tropa auxiliar” (Carone, 2011, p.53) e isso evidenciaria a matriz metafórica dessa palavra.

Contudo, sendo a posição de Skinner contrária ao uso de metáforas na ciência (como apresentada em *Verbal Behavior*), e em seguida, autores que o acusam de utilizar metáforas

¹⁶Do original: “Nowhere is this better illustrated than in the Field of psychology itself. Human behavior is an extremely difficult subject matter. The methods of science have come to be applied to it very late in the history of science, and the account it still far from complete. But it is the field in which literature is most competent, secure, and effective. A Dostoyevsky, a Jane Austen, A Stendhal, A Melville, A Tolstoy, a Proust, or a Joyce seem to show a grasp of human behavior which is beyond the methods of science. Insofar as literature simply describes human behavior in narrative form, it cannot be said to show understanding at all; but the writer often seems to ‘say something’ about human behavior, to interpret and analyze it” (Skinner, 1957/1992, p.98).

em sua teoria, novamente há um Skinner que irá defender no seu artigo “Pode a psicologia ser uma ciência da mente?” (1990), que o psicólogo pode utilizar a linguagem vernacular, uma vez que no nosso cotidiano não há o costume de se falar as linguagens das ciências do cérebro ou da Análise do Comportamento. Nas palavras do autor: “William James escreveu *Os Princípios de Psicologia* em linguagem vernacular. Os behavioristas falam-na em sua vida diária (e os jovens behavioristas devem aprender a fazê-lo sem constrangimentos)” (Skinner, 1990, p. 1209) ¹⁷.

Diante do argumento exposto acima, repare na citação em que Skinner confere à linguagem vernacular um reconhecimento de valor, mas ao mesmo tempo, como exposto em citação abaixo, o resultado predito por Skinner ao tentar ‘traduzir’ a linguagem vernacular para uma linguagem científica:

Através do uso do vernáculo, com suas alusões à história pessoal e à probabilidade de ação, *a psicologia emergiu como uma profissão eficaz, essencial e altamente respeitada*. A tentativa de utilizar as aparentes referências a uma mente iniciadora e de *converter o vernáculo em linguagem de uma ciência foi, no entanto, um equívoco*.¹⁸(Skinner, 1990, p.7, itálicos acrescentados)

O vernáculo é a maneira mais comum para emissão do comportamento verbal, e se esse tipo de comportamento verbal foi selecionado ao longo dos séculos, certamente ele

¹⁷Do original: “William James wrote Principles of Psychology in the vernacular. Behaviorists speak it in their daylives (and young behaviorists must learn to do so without embarrassment)” (Skinner, 1990, p. 1209).

¹⁸ Do original: “Through the use of the vernacular with its allusions to personal history and probability of action, psychology has emerged as an effective, essential, and highly respected profession. The attempt to use the apparent references to an initiating mind and to convert the vernacular into the language of a science was, however, a mistake” (Skinner, 1990, p. 1209).

desempenha uma ou mais funções nas sociedades humanas. Isso é incontestável, e Skinner não procedeu de modo contrário. Seu posicionamento, entretanto, ao zelar pelo avanço da ciência como meio para a sobrevivência das culturas, foi a tentativa de garantir ao processo científico maior controle, para que assim dúvidas fossem extintas ou reduzidas ao máximo possível. Isso se aplica ao rigor do comportamento verbal utilizado pelos cientistas nas formulações de leis científicas (entendidas aqui como regras que descrevem regularidades dos fenômenos, conforme Melo & de Rose, 2013).

Chiesa (1994/2006, p. 33) esclarece esse ponto: “o comportamento verbal comum antecede o comportamento verbal científico e os termos das linguagens comuns proporcionam classificações conceituais prontas para o uso, que orientam e dirigem a investigação científica do comportamento”. Pode-se dizer que esse ‘comportamento verbal comum’ ajudaria na proposição inicial das formulações sobre as leis científicas, e uma vez analisadas sob essa ótica, contribuiriam para o avanço da ciência.

Todavia, Skinner (1989/1991, p. 18) indicará uma relação importante sobre o uso do vernáculo em contraponto à ciência, o autor diz: “são parte de uma linguagem viva que pode ser usada sem embaraços pelos psicólogos cognitivos e, igualmente, pelos analistas do comportamento em suas vidas diárias. *Mas estas palavras não podem ser usadas em sua ciência!*”.

No texto de 1990, ao defender em um primeiro momento o emprego da linguagem vernacular fora do contexto científico, irá, em seguida, dirigir críticas a essa linguagem que em especial, no campo da Psicologia, ainda sustenta uma mente, um *self*, um eu iniciador, com apreciações especialmente dirigidas à Psicologia Cognitiva:

Devido à sua similaridade com o vernáculo, a psicologia cognitivista era fácil de ser compreendida, e a assim chamada “revolução cognitiva” foi bem sucedida por algum tempo. Isso pode ter acelerado a velocidade com que os analistas do comportamento se afastaram das instituições psicológicas, fundando suas próprias associações, programando seus próprios congressos, publicando seus próprios periódicos. Foram acusados de construir seu próprio gueto, mas estavam simplesmente admitindo o fato de que tinham pouco a ganhar com o estudo de uma mente criativa. (Skinner, 1990, p. 1210) ¹⁹

Skinner busca aplicar à linguagem vernacular o que já havia instruído sobre as metáforas: que quando se trata de produzir e disseminar o saber científico, essas duas construções linguísticas não podem estar presentes na descrição desse tipo de conhecimento. E ele faz isso mostrando os efeitos que já ocorreram, principalmente à Psicologia, pela insistência por parte dos cientistas em misturar ao *corpus* de conhecimento produzido para a explicação dos comportamentos humanos, palavras metafóricas ou pertencentes ao vernáculo.

Adiante, Skinner (1990) completa:

A psicologia cognitiva foi colocada como companheira científica de uma profissão e como suporte científico nas áreas de educação, clínica, desenvolvimento social e muitos outros campos da psicologia. *A ajuda que lhes deu não foi notável*. Uma versão do vernáculo refinada para o estudo da vida mental não é mais útil do que a

¹⁹Do original: “Because of its similarity to the vernacular, cognitive psychology was easy to understand and the so called cognitive revolution was for a time successful. That may have accelerated the speed with which behavior analysts drew away from the psychological establishment, founding their own associations, holding their own meetings, publishing their own journals. They were accused of building their own ghetto, but they were simply accepting the fact that they had title to gain from the study of a creative mind” (Skinner, 1990, p. 1210).

versão leiga, principalmente quando a teoria começou a substituir a introspecção.²⁰
(p.1210)

A citação acima busca reforçar o que vem sendo dito sobre a postura de Skinner frente ao uso de metáforas e do vernáculo no campo da ciência. Ainda que muitos possam defender a Psicologia Cognitiva como a mais atualizada das Psicologias nas últimas décadas, sobretudo, no que diz respeito a intervenções para os mais diversos problemas humanos, e mais, com um satisfatório aporte teórico que dá conta de explicar a complexidade acerca dos comportamentos humanos, de modo algum, é sem ressalvas que essa abordagem psicológica deve ser aceita, e Skinner mostrou por que.

Por fim, Skinner (1990) aponta a solução:

Muito mais útil seria a Análise do Comportamento. Ela poderia ajudar de duas maneiras: tornando claras as contingências de reforçamento às quais o vernáculo se refere e tornando possível o planejamento de ambientes melhores – ambientes pessoais que solucionariam os problemas existentes e ambientes maiores, ou culturas, nas quais haveria menos problemas²¹. (p.9)

A solução de Skinner pode parecer enfática, contudo, ele também diz porque a Análise do Comportamento é preferível para ajudar os indivíduos dentre os diversos

²⁰Do original: “Cognitive psychology was left as the scientific companion of a profession and as the scientific underpinning of educational, clinical, developmental, social, and many other fields of psychology. The help it has given them has not been conspicuous. A version of the vernacular refined for the study of mental life is scarcely more helpful than the lay version, especially when theory began to replace introspection” (Skinner, 1990, p. 1210).

²¹Do original: “Much more useful would have been behavior analysis. It would have helped in two ways, by clarifying the contingencies of reinforcement to which the vernacular alludes, and by making it possible to design better environments- personal environments that would solve existing problems and larger environments or cultures in which there would be fewer problems”. (Skinner, 1990, p. 1210).

problemas humanos. Diferente de algumas abordagens psicológicas que estabelecem como centro de sua teoria um eu interior que comanda todos os comportamentos humanos de modo inexorável; a Análise do Comportamento não está sustentada em uma teoria criada para compactuar com os moldes das Psicologias tradicionais. A diferença já é evidenciada pelas descrições verbais da teoria de Skinner, que mesmo apresentando algumas metáforas ao longo de suas obras, essas são mínimas quando comparadas com as demais teorias.

A teoria de Skinner não provoca aquela empatia comumente causada por algumas teorias psicológicas que se utilizam de expressões ou conceitos metafóricos em excesso, que acabam por exigir do leitor um exercício constante de interpretação e invenção sobre aquilo que foi lido. Antes, a teoria de Skinner, com sustentação na Análise Experimental do Comportamento, busca esclarecer sua filosofia - Behaviorismo Radical -, mostrando àqueles que entram em contato com essa epistemologia que mesmo os termos metafóricos outrora empregados podem ser investigados empiricamente no laboratório ou mesmo no dia a dia dos indivíduos.

Por exemplo, se alguns críticos citados neste texto atribuíram à palavra reforço o significado de “auxílio de uma tropa militar”, isso é um *a priori* válido para mostrar que Skinner não saiu ileso às metáforas. Contudo, no contexto de uma explicação em sala de aula, ou no laboratório diante do rato privado de água e prestes a apertar a barra para liberação desse líquido, ou ainda, quando perguntamos a alguém: “o que reforça o seu comportamento”? a crítica daqueles contrários a Skinner, pelas metáforas que foram utilizadas pelo autor, perdem o sentido. A teoria de Skinner contém algumas metáforas, entretanto, ela não foi desenvolvida, tampouco, se sustentou em metáforas como algumas teorias psicológicas, e isto é uma característica demasiada relevante a ser sublinhada.

Chiesa (1994/2006) apresenta três motivos principais que justificam os cuidados que devemos ter na utilização da linguagem comum. A autora diz que o primeiro problema é que quando as pessoas fazem uso da linguagem comum acompanham-se sistemas conceituais que influenciam o modo de pensar sobre as pessoas e os comportamentos que não estão pautados na análise científica e sustentam questões teóricas que não solicitam dados científicos. e. O segundo problema é sobre as linguagens Indo-Européias, pois o uso da sintaxe para essas línguas tem como costume colocar agentes para as ações. Por fim, o terceiro e último problema, segundo Chiesa, é o hábito de explicar comportamentos em diferentes modos de direção (seja da pessoa para o comportamento, seja do ambiente para o comportamento). Isso implica que as direções de análise para entender os comportamentos surgem de várias referências. Ora do indivíduo, ora do ambiente ou até de forças invisíveis, mas que atuam no ambiente e sobre os indivíduos. A compreensão é multilateral, e por isso, as explicações são variadas. Nesse tipo de consideração não há uma unidade autônoma para entender a emissão dos comportamentos, como por exemplo, interação organismo e ambiente.

Esses três problemas ilustram as matrizes que geram tipos de pensamentos comumente disseminados na Psicologia e que impedem a possibilidade de entendimento dos elos entre estímulos antecedentes, resposta e consequência. O ambiente simplesmente não existe nos três pontos mencionados acima, e se extrapolarmos a prática desses problemas para o cotidiano, o ambiente torna-se somente um pano de fundo que acompanha o protagonista essencial, o eu interior.

Entre esses três problemas, a metáfora está presente, e Skinner crítica muitas das metáforas utilizadas no próprio campo da ciência, como aquelas metáforas propagadas pelos cognitivistas, uma delas buscando explicar que o “organismo é concebido como um sistema

que capta uma informação do ambiente, a processa, armazena e, em algum estágio, recupera e age sobre aquela informação” (Chiesa, 1994/2006, p. 39). Nas palavras da autora:

Se essa metáfora é aceita sem críticas (como o é em grande parte da Psicologia contemporânea), então, o cientista é encaminhado para uma abordagem estímulo-organismo-resposta (S-O-R): os estímulos ambientais são então captados, processados e trabalhados pelo organismo; esses trabalhos internos são então considerados como determinantes das respostas (Chiesa, 1994/2006, p. 39).

Isto mostraria que as metáforas pouco teriam a somar à ciência, e talvez retardassem o avanço científico por criar modelos de explicação confusos que demandem tempo para serem esclarecidos e testados, e que uma vez compreendidos, pouco contribuiriam para a criação de um modelo de ciência que não fosse alvo de severas críticas. Contudo, há uma divisão entre teóricos sobre o uso de metáforas na ciência. De um lado há aqueles que acreditam que as metáforas podem ajudar a produzir, e principalmente, a disseminar o conhecimento científico (e.g., Lakoff & Johnson, 1980/2002). Por outro lado, há aqueles que adotam uma postura mais crítica quanto ao uso das metáforas na ciência, e assim, são contrários ao seu uso na linguagem e ensino da ciência (e.g., Lewontin, 2002).

Os primeiros afirmam que o uso de metáforas na ciência permite que as pessoas do senso comum consigam compreender com mais facilidade os assuntos abordados por ela, uma vez que são dados exemplos do cotidiano dos indivíduos por meio de metáforas ou expressões metafóricas para o quê uma teoria científica pretende dizer ou afirmar acerca de um determinado evento. Já os que são contrários ao uso de metáforas na ciência defendem que o seu uso tende a confundir as pessoas, uma vez que esse tipo de linguagem distancia a objetividade que os assuntos científicos precisam ter. Ao fazer uso de metáforas para explicar situações tratadas pela ciência, o indivíduo, ao buscar corroborar a situação outrora narrada

por meio delas, poderá ter insucesso, pois os passos necessários para a checagem das leis científicas que permitiria concluir como esses princípios ocorrem foram deturpados pelas metáforas (Lewontin, 2002).

Um exemplo dado por Lewontin (2002) ilustra o citado acima. É comum em séries escolares iniciais o ensino de ciências por meio de metáforas. Lewontin afirma que o uso de metáforas, para explicar, por exemplo, uma lei física, pode produzir algumas consequências prejudiciais ao ensino dessa disciplina. Se por exemplo, para explicar o movimento do sol e dos planetas um professor utilizar metáforas, e caso algum aluno resolva corroborar a explicação do professor buscando leis físicas que comprovem o que fora dito pelo primeiro, certamente o aluno se não fracassar totalmente, em partes o fará. Se o professor, por exemplo, afirmar que o sol dá voltas e chega ao mesmo lugar, como se fosse alguém, que perdido caminha, caminha, mas volta sempre ao mesmo lugar de partida; sem explicar com embasamento físico, à criança ou jovem, como isso realmente ocorre, a compreensão acerca desse enunciado poderá estar comprometida.

Entretanto, há outra visão acerca do tema totalmente amistosa quanto ao uso de metáforas na ciência, principalmente, sobre as considerações acerca dos efeitos negativos que podem derivar dessa prática. Leary apud Abib (1997) parece apresentar uma saída ao dizer, primeiro: “pode-se dizer que a linguagem da ciência está substancialmente impregnada de metáfora” (p. 153). Em seguida, Abib (1997) completa:

. . . conseqüentemente, é insustentável a crítica de Skinner ao uso de metáforas na investigação de eventos subjetivos. Bem como são injustificáveis as críticas que dirigiu às teorias clássicas do comportamento, especialmente aquelas dirigidas às teorias conceituais-neurofisiológicas e conceituais-mentais. *Isso significa que essas teorias não podem ser descartadas simplesmente porque são metafóricas. Se for para*

utilizar esse critério não haverá então porque não rejeitar também a teoria operante.

O que não é possível é em nome de uma duvidosa literalidade científica criticar teorias porque são metafóricas. Na verdade quando uma teoria é criticada com base em outra, o que ocorre é a defesa de um conjunto de metáforas contra outro. (p. 153-154, itálico acrescentado)

Fica evidente nas palavras de Abib, que para esse autor, as críticas de Skinner ao uso de metáforas não procedem, uma vez que ele mesmo tem em sua teoria algumas metáforas. E mais, se Skinner insiste no descarte de teorias que utilizam metáforas em suas conjecturas, essa mesma desconsideração deverá haver com a teoria do próprio autor, pelos motivos já revelados. Abib (1997) ainda diz:

. . . se o pensamento científico é efetivamente metafórico, então o problema não reside na criação e no emprego de metáforas na ciência, mas sim nas dimensões que lhes são atribuídas pela imaginação científica... Sendo assim, é necessário então aumentar a quantidade de metáforas e não diminuí-las, já que é impossível decidir a priori quais são as boas e as ruins. (p. 154, itálico acrescentado)

Nesse ponto Abib (1997) argumenta que o problema não é a utilização de metáforas na ciência, mas sim, o quanto a imaginação científica poderá interferir para que se apreenda a metáfora outrora proposta para explicar ou sistematizar alguma tese ou lei científica. A matriz do problema, então, não é a metáfora *per si*, mas sim as interpretações que podem ocorrer à metáfora, ou ainda a possibilidade de que as metáforas evocam um número muito maior de interpretações, ao passo que uma linguagem objetiva diminui a quantidade delas, conduzindo o falante a estar mais sob controle dos fenômenos investigados pela ciência e menos sob controle de apenas algumas propriedades comuns entre eventos desses fenômenos. Assim, supostamente, isso deve ser do cuidado do próprio cientista ao sistematizar seu projeto de

ciência. Diante disso, segundo Abib (1997), não há porque excluir o uso de metáforas da ciência, antes, é objetivo que elas ocorram cada vez mais, pois, parece que a defesa do autor é que haja um processo de seleção às metáforas, ou seja, quanto mais metáforas houver na ciência, maiores as probabilidades de seleção sobre aquelas que poderão perdurar e extinção sobre aquelas que se revelarão ineficazes para modelos de ciência.

Sob esse ponto de vista de Abib (1997), o modelo de seleção se aplicaria também ao uso de metáforas na ciência, e sobre elas recairia o conceito de utilidade, ou seja, o quanto as metáforas propostas, utilizadas pela ciência seriam eficazes ou não, e mais, em que implicaria o conceito de eficaz? As metáforas seriam eficazes para quem, para quê? Essa utilidade serviria somente aos cientistas, ou ainda, a comunidade leiga se beneficiaria com a descrição metafórica do conhecimento científico produzido? Como os cientistas, que preconizam o zelo com a objetividade, clareza de seus princípios, teorias e resultados construiriam, e mais do que isso, sustentariam uma ciência embasada por metáforas? Uma vez que, Abib (1997) afirma que o problema não seriam as metáforas, mas antes a imaginação interpretativa do cientista frente às metáforas, como controlar essa imaginação demasiada interpretativa?

Há uma passagem em *Verbal Behavior* (1957/1992) que serve para ilustrar a capacidade imaginativa do homem através das metáforas; seguida do questionamento de Skinner sobre como é possível checar as afirmações das sentenças metafóricas que se distanciam dos acontecimentos “tal como eles ocorrem”. (Skinner, 1957/1992, p. 125, *itálicos acrescidos*): “De que forma os elos de uma cadeia são semelhantes às séries de episódios

numa ‘cadeia de acontecimentos’? *Onde está o homem quando ele está ‘no topo do mundo’, ou quando ‘sofreu uma queda moral’? De que modo fechamos nossos olhos à verdade?’*”²²

Skinner pergunta sobre a correspondência entre aquilo que foi dito por meio de metáforas e o que aconteceu. Expressões metafóricas podem distanciar-se sobremaneira do comportamento tal como ele ocorre ou ocorreu. Os exemplos da citação de Skinner são emblemáticos, e nessa linha de raciocínio as metáforas que descrevessem teorias ou métodos científicos, também o seriam. A chamada ‘imaginação interpretativa do cientista’ poderia ser um problema a mais para a prática científica, uma vez que não haveria como controlar tal comportamento. E se fosse necessário uma espécie de “protocolo de controle” acerca dessa chamada ‘imaginação interpretativa’, esse fato indicaria a periculosidade do uso de metáforas na ciência.

A proposta de Abib (1997) se choca com a de Skinner (e.g., 1957/1992), este último é imperativo ao afirmar que as metáforas não devem ser utilizadas na ciência, enquanto o primeiro propõe um selecionismo às metáforas. Todavia, se Skinner incorreu naquilo que pode ser chamado de erro por ter feito uso de metáforas em sua teoria; e se Abib (1997) parece apresentar uma solução, não é sem reservas que essa suposta solução deve ser analisada. Pois mesmo na ciência, o amplo uso de metáforas tem se mostrado nocivo, um exemplo caro e que nos é familiar são algumas das psicologias chamadas tradicionais.

Vamos nos deter por alguns momentos ao seguinte: uma das bases fundamentais da filosofia behaviorista radical é a filosofia pragmatista, em que o conceito de utilidade é de crucial importância. E se considerarmos a proposição de que ciência é essencialmente

²²Do original: “In what way are the links in a chain similar to the series of episodes in a ‘chain of events’? Where is a man when he is ‘on top of the world’ or when he has a ‘suffered a moral fall’? How do we ‘shut our eyes to the truth’?”(Skinner, 1957, p.97).

comportamento verbal de cientistas, de que as leis científicas são regras que orientam as condutas dos cientistas, e que o objetivo da ciência deve ser o de servir para a resolução de inúmeros e diferentes problemas humanos (Melo & De Rose, 2013); atrelar metáforas às regras científicas, esperando que o selecionismo trate de eleger as mais eficientes pode ser um grande risco, e ademais, já há exemplo dos efeitos que a junção metáfora e ciência produzem.

Sobre exemplos da associação ciência e metáfora a Psicologia serve como contexto para ilustrar esse fato. As chamadas psicologias da mente, que tem como representante mais expoente a Psicanálise, é um exemplo do que ocorre quando se mescla metáforas e ciência. A teoria freudiana é praticamente toda formulada sobre metáforas. O aparelho psíquico freudiano (e.g., id, ego e superego) é um ótimo representante. Ele não existe do ponto de vista físico, não é, segundo a concepção ortodoxa da psicanálise freudiana a descoberta e análise das funções de determinadas partes cerebrais, mas é sabido que é uma das bases da psicologia de Freud (Laplanche, 2001). O que parece existir na Psicologia é uma herança acerca de:

. . . um sistema conceitual da linguagem da mente ou da vida mental que interpreta o discurso diário. Quando fazemos uma observação a nós mesmos para nos lembrarmos de algo, dizemos que vamos manter isto em mente, quando não conseguimos lembrar algo, facilmente dizemos ter um bloqueio mental. . . Se levarmos o termo mente e seu sistema conceitual relacionado, da nossa fala cotidiana para o laboratório e então tentarmos buscar a mente onde guardamos coisas, ou a mente que colocamos em repouso, colidimos com o problema lógico de tentar submeter à análise científica um termo que não tem referente no mundo físico ou espacial. (Chiesa, 1994/2006, p.38)

Outras psicologias assim procederam e disseminaram seus ensinamentos e visão de homem. Elas têm como matriz fundadora a mente e o inconsciente. E a principal consequência disso tudo é o homem, quase 100 anos depois do estabelecimento da Psicologia como ciência, ainda fala e compreende muito mal a si mesmo e o mundo que o cerca. Skinner ao negar o uso de metáforas na ciência, busca livrar os cientistas do comportamento das armadilhas que elas podem provocar ao seu sistema teórico, e assim, distanciar a ciência de uma visão contemplativa e idealista ou não verificável, que muito pouco contribuiria para o avanço nas soluções dos problemas humanos.

Considerações Finais

As metáforas para Skinner são tatos metafóricos. Como todo tato, esse operante verbal ocorre pelo controle que determinadas propriedades dos estímulos exercem. Contudo, com relação a esse tipo especial de tato, apenas algumas propriedades dos estímulos estão presentes no reforço no momento de sua ocorrência (Skinner, 1957/1992). Quando alguém diz frases como: “estou com uma pulga atrás da orelha”; “estou morto de fome”; “você é tão básico como piso branco de banheiro”, elas estão falando sobre estados emocionais/sentimentais. Também há a possibilidade de que o emprego de metáforas soe mais sofisticado para uma determinada audiência, ou ainda; como já dito, exista um custo de reposta menor, principalmente acrescido da afirmação de Skinner (1957/1992, p.126) “quando nenhum termo genérico puder ser ampliado, a metáfora se mostrará valiosa”. Essa transposição de palavras pode ser praticada inadvertidamente por quem assim o deseje.

Quer seja pela sofisticação ou por ser o recurso verbal disponível no momento do episódio verbal, as metáforas favorecem a descrição de emoções/sentimentos. Também fora discutido neste estudo o uso de metáforas na ciência, assunto sobre o qual Skinner (1957/1992) assume uma posição explícita a respeito disso: “metáforas não devem ser

empregadas na linguagem científica” (p. 99). Em contraponto, outros teóricos discordam do autor, sendo que até mesmo, autor de filiação behaviorista radical, por exemplo, Abib (1997) se opõe à postura de Skinner. Enquanto Skinner é imperativo e irredutível sobre o emprego de metáforas na ciência, tendo deixado claro que as metáforas se prestam aos discursos literários ou produções artísticas como as metáforas visuais, por exemplo; Abib (1997) propõe que as metáforas sejam submetidas ao processo de seleção, e que não há motivos para se esquivar delas ou extingui-las da ciência.

As posições antagônicas fornecem contexto para pensar o problema sobre vários pontos diferentes. Contudo, ainda que a radicalidade de Skinner possa ser interpretada como obsoleta no que diz respeito a se pensar o progresso na ciência, uma vez que o autor defende o não uso de metáforas no campo científico, haja vista, que o tom categórico de Skinner propõe prevenir consequências danosas à ciência, garantindo que as formulações de regras científicas objetivas não utilizem um vocabulário que permita várias interpretações. Ao assumir essa posição, Skinner claramente estava mostrando que um de seus objetivos era subscrever e fazer permanecer a Psicologia no campo científico, pelo menos no modelo de ciência que Skinner julgava ser útil e necessário para a Psicologia.

Todavia, os objetivos de Skinner, bem como, o deste trabalho não se encontram acabados. Sobre os objetivos de Skinner, o motivo da incompletude está no fato de que muito do que é produzido em Psicologia ainda se sustenta em metáforas, e a mudança desse paradigma não é passível de previsão, se é que um dia o será. Muitos campos científicos ainda estão fortemente a expor e explicar suas hipóteses e teorias, tendo como base um comportamento verbal metafórico. A empreitada de alguns homens contra esse tipo de comportamento na ciência, possivelmente, não levará à extinção do mesmo. Disto deriva-se uma tese possível que questionaria o quanto a Psicologia está inscrita e mantida em um

modelo de ciência efetivo para a emergência e manutenção de comportamentos humanos que favoreçam a sobrevivência da espécie ou se, de alguma maneira, estariam os indivíduos a mercê de uma retórica antipragmática, que somente descreve os comportamentos humanos sem aprofundar análises, explicações e intervenções sobre os mesmos.

Outro limite quanto aos objetivos de Skinner seria a dificuldade de sua teoria ser difundida em escala macro, atingindo todos os nichos da sociedade, de modo, que o pensamento e filosofias skinnerianas pudessem, enfim, participar da contribuição social que pode fornecer. A teoria de Skinner e linhas de pensamento que tem como matriz o monismo e o pragmatismo são sobremaneira negligenciados nas sociedades humanas, em prol de filosofias e teorias dualistas e idealistas.

Uma das dificuldades encontradas na realização deste trabalho foi conseguir expor de uma maneira clara a concepção de emoções e sentimentos para a Análise do Comportamento. Esse é um assunto de extrema relevância para os analistas do comportamento, porém, há pouca concordância quanto aos alcances e limites para uma conceituação unitária e acabada. Este texto defendeu que a utilização de metáforas não é benéfica para a produção do conhecimento, bem como para o entendimento do mundo e das coisas do mundo, seja no contexto em que for.

De modo algum se nega a existência das metáforas e certa beleza as mesmas quando empregadas ao comportamento verbal. Também compreende-se que a extinção ou redução máxima das metáforas independente do contexto, talvez seja um deslumbre impossível ou minimamente possível. Todavia, uma das premissas do Behaviorismo Radical é a de que nem todo comportamento selecionado, tem, necessariamente uma função positiva ou útil para as sociedades. Por exemplo, o consumo de açúcares e gorduras nas sociedades humanas compromete sobremaneira a saúde e a estética dos indivíduos. Obviamente, que alimentos

gordurosos ou adoçados tiveram um papel importante na nutrição humana durante sua evolução, mas isso, não é mais verdade. Pelo contrário. Contudo, um número considerável de pessoas consome todos os dias esses tipos de alimentos em quantidade acentuada, posto que os índices de obesidade, infarto do miocárdio, diabetes, hipertensão tem crescido vertiginosamente. Esses problemas apresentam dentre algumas causas, a prática de uma alimentação inadequada. Deste modo, há um comportamento outrora selecionado, sem que ele necessariamente desempenhe uma função positiva para as sociedades humanas.

O mesmo raciocínio é empregado quanto à utilização das metáforas. Não é o fato de elas existirem e serem largamente utilizadas que valida, e muito menos justifica seu uso. O processo de habituação ou até mesmo o de seleção, não pode ser a medida *sine qua non* para que os indivíduos pratiquem e defendam determinados comportamentos. Antes uma análise minuciosa sobre os hábitos da cultura, traduzidos em comportamentos culturalmente compartilhados, deveriam sofrer considerações e variações para um melhor funcionamento das sociedades humanas.

Por fim, da consequência deste tipo de trabalho para o campo científico, há uma implicação possível e necessária. A de que este estudo possa atingir indivíduos que se identifiquem com o tema em algum ponto, e assim, contribuam para mais esclarecimentos sobre os assuntos abordados, uma vez que, de modo algum foram esgotados os esclarecimentos e as argumentações sobre o tema apresentado.

Referências

- Abib, J. A. D. (1997). *Teorias do comportamento e subjetividade na psicologia*. São Carlos: Editora da Ufscar.
- Aristóteles. (1994). *Retórica*. São Paulo: Rideel. (Madeira, M. S, Trad.). (original s/d)
- Aristóteles. (2004). *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian. (Valente, A.M, Trad.). (original s/d)
- Bandini, C. S. M. (2008). *A geratividade do comportamento verbal: Divergências entre as propostas de B. F Skinner e N. Chomsky*. São Carlos. Dissertação de Mestrado. Recuperado em: <http://www.dfmc.ufscar.br/uploads/publications/4f048b7f31070.pdf>
- Carone, I. (2011). *Metáfora e psicologia: Uma relação perigosa?* Curitiba: Editora CRV.
- Chiesa, M. (2006). *Behaviorismo Radical: A filosofia e a ciência*. (Cameschi, C. E, Trad.). Brasília: Editora Cealeiro. (Original publicado em 1994)
- Fossile, D. K (2011). Um passeio pela trajetória da metáfora. *Revista de Letras*, 14, (pp. 01-15). Recuperado em: http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/14%20Um_passeio_pela...pdf
- Martelotta, M. E. (2011). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto
- Melo, C. M., & De Rose, J. C. C. (2013). A verdade como efetividade na proposta científica de B. F. Skinner. In C. E. Costa, C. R. X. Cançado, D. R. Zamignani & S. R. de Souza Arrabal-Gil (Eds.). *Comportamento em Foco* (Vol. 02, pp. 17-23). São Paulo: ABPMC.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (2002). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press. (Originalmente publicado em 1980)
- Laplanche, J. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

- Levin, S. R. (1999) Language, concepts and worlds. In Ortony, A. (Ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press. (Originalmente publicado em 1979).
- Lewontin, R. C. (2002). *A tripla hélice: Gene, organismo e ambiente*. Portugal: Companhia das Letras.
- Richards, I. A. (1971). *Philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press. (Originalmente publicado em 1964)
- Rico, V. V., Golfeto, R., & Hamasaki, E. I. M. (2012). Sentimentos. M. M. C. Hübner, M. B. Moreira (Eds.). In *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. (pp. 88-99). Rio de Janeiro: Guanabara Kogan.
- Skinner, B.F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, (pp. 270-277).
- Skinner, B. F. (1986). The evolution of verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 1, (pp. 115-122).
- Skinner, B. F. (1987). Why are not acting to save the world. In: Skinner, B. F. *Upon further reflection*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1-14.
- Skinner, B. F. (1989). The origins of cognitive thought. *American Psychologist*, 44, (pp. 13-18)
- Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science of mind? *American Psychologist*, 45 (11), (pp.1206-1210).
- Skinner, B.F. (1991). *The behavior of organisms*. New York: Appleton-Century-Crofts. (Originalmente publicado em 1938)

Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. (A. L. Neri, Trad.). Campinas: Editora Papirus. (Originalmente publicado em 1989)

Skinner, B. F. (1992). *Verbal Behavior*. Massachusetts, MA: Copley Publishing Group. (Originalmente publicado em 1957).

Skinner, B. F. (2003). *Ciência e Comportamento Humano*. (J. C. Todorov, & R. Azzi, Trads.). São Paulo: Editora Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1953).

Skinner, B. F. (2004). *Sobre o behaviorismo*. (M. P. Villalobos, Trad.) São Paulo: Editora Cultrix. (Originalmente publicado em 1974).

Smith, L. D. (1994). Metaphors of knowledge and behavior in the behaviorist tradition. In Leary, D. E. (Ed.). *Metaphors in the history of psychology* (pp.239-266) Cambridge. Cambridge University Press

Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e Relações Comportamentais*. São Paulo: Paradigma.